

12
anos

revista

Parabente

VOL. XII - Nº 68 - 30 DE SETEMBRO DE 2024
ISSN 2238-1414

A Inteligência Emocional
Página 14



FLÁVIO REZENDE
FOTOGRAFIA



FLAVIO
REZENDE
NEW YORK - PHOTO BOOK 2021

Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Barbante está feliz com a publicação desta segunda edição quinzenal! Agora, nossa periodicidade quinzenal celebra mais rapidamente a diversidade artística dos nossos colaboradores fiéis!

Há 12 anos, a Barbante iniciou como um periódico científico e literário, abrindo todas as oportunidades de publicação para pesquisadores e artistas espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Cada edição tem sido recheada do colorido das mais belas e cheirosas flores, cujas sementes germinaram e, hoje, exalam riquezas ao longo das nossas páginas.

Nesta segunda quinzena de setembro, a Barbante é a estufa de flores de todas as cores e aromas, continuando a cultivar a mais bela arte da palavra: a literatura. Nas páginas que se seguem, há textos literários que simbolizam a multiplicidade estética do nosso fazer artístico e humano contemporâneo. São os frutos de autoras e autores proficientes, compromissados/as com a vida, *ipsis litteris*.

Nós, editores, reconhecemos o progresso da Barbante com esta edição repleta de vozes multiformes. Vocês semeiam, sempre, as sementes mais prósperas em um campo produtivo. Persistem no combate às múltiplas violências contra a liberdade de expressão artística. Portanto, paulatinamente, remodelam realidades sombrias, transcendendo o cotidiano sociocultural.

A Barbante continua rica e potente com os trabalhos recebidos. Agradecemos a todos/as os/as artistas, escritores/as e poetas, iniciantes ou não, que desenrolam este novo artístico infinito. Gratidão às leitoras e aos leitores!

Saudações literárias,

Os editores.



FLÁVIO
REZENDE
NEW YORK - PHOTO TOUR 2024

Artigos

EMPREENDEDORISMO COMO PROPOSTA DE EMANCIPAÇÃO NO CURRÍCULO DA MODALIDADE EJA

ENTREPRENEURSHIP AS A PROPOSAL FOR EMANCIPATION IN THE CURRICULUM OF THE EJA MODALITY

Jefferson de Oliveira¹

RESUMO: O artigo consiste numa pesquisa qualitativa de caráter exploratório que evidencia o empreendedorismo como uma proposta de emancipação no currículo da modalidade EJA. O currículo no âmbito escolar tem ação direta e indireta na formação e desenvolvimento do aluno, assim, percebe-se que a ideologia, cultura e poder nele configurado é determinante no resultado educacional a ser produzido. A proposta justifica-se pelo potencial empreendedor da cidade de Passo Fundo/RS, apesar de já possuir várias escolas e mecanismos de atendimento ao empreendedor, ainda assim, evidencia-se uma baixa qualificação na área que pode ser aprimorada na vida acadêmica em consonância com a realidade. A educação empreendedora promove a participação dos estudantes e até mesmo da comunidade externa para ações transformadoras que impulsiona a liberdade do ser humano. Evidenciou-se que a modalidade EJA ainda é marginalizada, segregada, pouco expressiva, mas necessária, por vezes o aluno vai pra escola com todo o seu despreparo, preparado para a aula mais passiva possível. Entende-se que no início a capacidade leitora é um marco, mas é apenas um passo, desenvolver novas habilidades torna-se imperativo. Deste modo, considera-se a proposta relevante e sugere-se a aplicação de novas pesquisas para aprofundamento no assunto.

Palavras-chave: Educação. Empreendedorismo. Trabalho.

ABSTRACT: The article consists of an exploratory qualitative research that highlights entrepreneurship as an emancipation proposal in the curriculum of the EJA modality. The curriculum in the school environment has a direct and indirect action in the formation and development of the student, thus, it is perceived that the ideology, culture and power configured in it are decisive in the educational result to be produced. The proposal is justified by the entrepreneurial potential of the city of Passo Fundo/RS, despite already having several schools and mechanisms of service to the entrepreneur, still, there is a low qualification in the area that can be improved in academic life in line with the reality. Entrepreneurial education promotes the participation of students and even the external community for transformative actions that promote human freedom. It was evident that the EJA modality is still marginalized, segregated, not very expressive, but necessary, sometimes the student goes to school with all his unpreparedness, prepared for the most passive class possible. It is understood that in the beginning reading ability is a milestone, but it is just a step, developing new skills becomes imperative. In this way, the proposal is considered relevant and the application of new researches is suggested to deepen the subject.

1 Graduação: Matemática - Universidade de Passo Fundo - UPE.

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um dos principais mecanismos no processo de desenvolvimento social e econômico que potencializa primeiramente a capacidade do indivíduo para a promoção da qualidade de vida por meio da produção e geração de empregos, alinhado aos avanços tecnológicos promove negócios inovadores, produtivos e sustentáveis.

Objetivando promover o empreendedorismo na vida acadêmica, a proposta consiste em potencializar uma força docente que se esforça em desenvolver competências e habilidades de forma saudável, estimulando a iniciativa do aluno. Tornando-se possível a ampliação de experiências empreendedoras dentro do ambiente acadêmico/escolar, onde a instituição com sua capacidade geradora incentiva a participação dos estudantes e até mesmo da comunidade externa para ações experienciais que oportunize o empoderamento e a emancipação, evidenciados em dinâmicas, visitas, palestras, feira de negócios, entre outras ações que impulsiona a riqueza das atividades que compõem o currículo do aluno.

A proposta visa oferecer uma educação que não se limita ao âmbito profissional e tecnológico, mas também inclui o desenvolvimento da capacidade de pensar, levando em consideração o cenário interno e externo que o aluno se encontra. É uma oportunidade de oferecer condições de aprendizagem e favorecer a qualidade de vida.

Passo Fundo/RS conta com vários empreendimentos de micro e pequeno porte, originados a partir de oportunidades geradoras de renda e empregos, não obstante, entende-se que tal fato não engloba somente questões econômicas, uma vez que o sucesso torna-se realmente possível quando o ser humano primeiramente consegue ser capaz de empreender a si mesmo.

A proposta justifica-se pelo potencial empreendedor da cidade, apesar de já possuir várias escolas e mecanismos de atendimento ao empreendedor, ainda assim, evidencia-se uma baixa qualificação na área, considerando que devido a grande demanda o empreendedorismo vem sendo desumanizado, massificado, e vendido no formato de conteúdo meramente ilustrativo.

Não obstante, o empreendedorismo não remete apenas ao mundo dos negócios ou do trabalho, entende-se que todos os aspectos da vida humana deve ser empreendido, assim como nossos bens, precisamos gerenciar emoções, família, relacionamentos, inteligência, torna-se evidente que todo ser também precisa empreender primeiramente a vida própria para a obtenção do êxito.

2 O PROBLEMA

Cabe entender que a educação varia de acordo com a cultura ou grau de riqueza do lugar onde se está inserido, desta forma temos como exemplo a educação nas escolas indígenas, a metodologia das escolas de periferia e a sistemática das escolas de alto padrão, mesmo tratando de educação, nestes diferentes cenários nota-se que seu valor ganha peso e medidas diferentes.

Diante de todos os avanços na educação, percebe-se que a grande massa ainda se mantém numa didática privada da autonomia e da possível liberdade do ser na sua formação completa como cidadão. Na condição de trabalhador que precisa ser aluno, aparentemente é provocante e cômodo já que o objetivo é meramente saber fazer, ou em outras palavras reproduzir.

Não obstante, educar meramente para a instrução não é o caminho ideal, desta forma teremos o cidadão sem papel de cidadania, sem autonomia social e alienados a políticas que se sustentam sem levar em consideração a devida formação do sujeito diante da sociedade.

Percebe-se que a educação que remete a modalidade EJA para o âmbito profissional torna-se cada vez mais exigível e avança conforme a globalização de necessidades mercadológicas, entende-se que no início a capacidade leitora é um marco, mas é apenas um passo, desenvolver novas habilidades torna-se necessário, no entanto, ao invés de pessoas multifacetadas são formadas pessoas multitarefas que vão de encontro ao acesso de diversos componentes que não se relacionam ou que se desencontram.

Atualmente o mercado exige competências que vão além das técnicas, tal fato faz com que a escola venha a se readequar, promovendo um falso avanço com verdadeiras barreiras no futuro do aluno. Em outras palavras, nunca caberá avanço de fato enquanto não mudar os valores didáticos produzidos para o aluno, que por vezes não leva em consideração seus anseios.

No reino do capital, a educação é, ela mesma, uma mercadoria. Daí a crise do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e do esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. Talvez nada exemplifique melhor o universo instaurado pelo neoliberalismo, em que “tudo se vende e tudo se compra”, “tudo tem preço”, do que a mercantilização da educação [...] (MÉSZÁROS, 2008, p. 15-16).

A Modalidade EJA aplica-se àqueles que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos na idade considerada ideal. O futuro incerto por vezes é uma das maiores certezas, deste modo, destina-se a pessoas que por um determinado tempo deixaram de existir dentro de um espaço que insistimos em chamar de escola.

Evidentemente o espaço social em que estão inseridos é meramente marginalizado, por vezes são subalimentados e obrigados a aceitar propostas inaceitáveis. Sonham em ser operadores de máquinas, técnicos em instalações e depositam sua fé numa carteira de habilitação, pois ser caminhoneiro por vezes é uma das melhores profissões do contexto no qual estão inseridos.

Para qualquer caso, o professor deve levar em consideração a realidade de cada aluno, evitando

que ele seja um objeto do ensino e do mundo do trabalho, potencializando sua autonomia crítica, criativa e colaborativa.

A formação inicial deficiente do professor leva também a um problema sério dentro das escolas que é a falta de um Projeto Político Pedagógico. Como não temos uma formação inicial adequada e preocupada com o trabalho que o professor vai exercer em sala de aula, não percebemos a preocupação dos professores com o envolvimento em projetos dentro das escolas. Isso tem levado os professores a trabalharem de forma isolada, o que consideramos prejudicial aos alunos e ao desenvolvimento profissional dos próprios professores(...). (COROA, 2006, p. 97)

Por vezes não faz sentido estudar, surge a dúvida de onde aplicar os conhecimentos adquiridos, como no caso da química e da matemática, são números e elementos que aparentemente não estão ligados a realidade, no entanto, sabe-se que as pessoas fazem bolo em casa e esta atividade talvez faça parte da vida do aluno, tal prática inclui matemática e química, e por vezes o professor não explora o fato perdendo de ensinar enquanto o aluno perde de aprender, e deste modo o currículo acaba encaminhando o aluno para um lugar inóspito.

3 CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO NA EJA

Entende-se currículo como um meio de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como instrumento para a criação e recriação. O currículo no âmbito escolar tem ação direta e indireta na formação e desenvolvimento do aluno. Assim, percebe-se que a ideologia, cultura e poder nele configurados são determinantes no resultado educacional a ser produzido.

Cabe salientar que:

[...] a EJA não é um apêndice da educação, mas uma modalidade que tem um caráter próprio, seus caminhos e suas conquistas, é também concorrer para um currículo que venha a atender com eficácia e eficiência os proponentes dessa educação e que venha responder às questões fundamentais do desenvolvimento dos sujeitos (SECULT, 2010, p.10).

Entende-se como significativo sinalizar que o currículo se constitui como artifício fundamental do projeto pedagógico, viabilizando o processo de ensino e aprendizagem. Cabe entender que o currículo se constitui como formal, real e oculto.

O currículo formal refere-se ao currículo estabelecido pelos sistemas de ensino, é expresso em diretrizes curriculares, objetivos e conteúdos das áreas ou disciplinas de estudo. Este é o que traz prescrito institucionalmente os conjuntos de diretrizes como os Parâmetros Curriculares Nacionais.

O currículo real é o currículo que acontece dentro da sala de aula com professores e alunos a cada dia

em decorrência de um projeto pedagógico e dos planos de ensino.

O currículo oculto é o termo usado para denominar as influências que afetam a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores. O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar.

Na elaboração do currículo, não se pode ignorar que os conhecimentos produzidos pela sociedade são privatizados, transformados em mercadorias e distribuídos de forma desigual, segundo as necessidades e os interesses dominantes. Verifica-se, assim, a permanente dualidade imposta pelo modo de produção capitalista, entre o trabalho e a ciência; essa última concebida como força produtiva, transformada em propriedade privada pelo capital (CIAVATTA e RUMMERT, 2010, p.461)

A educação é um meio, cujos processos conduzidos pelos próprios alunos estão relacionados aos ideais de crescimento, integridade e autonomia. Não obstante, o desenvolvimento do ensino-aprendizagem constitui a linha central do planejamento do ensino, proposto em termos de uma linguagem objetiva, esquematizada e precisa.

A construção curricular no mundo e no Brasil não se dá sob uma única ideologia, e sim de influência de tendências, objetivos e interesses diferentes. Pode-se perceber a importância de não se desvincular o currículo da constituição histórica e social, logo o currículo não surge do nada, mas de uma necessidade social e principalmente econômica e cultural.

4 A PROPOSTA DO EMPREENDEDORISMO NA MODALIDADE EJA

A proposta consiste numa pesquisa qualitativa, de natureza básica e caráter exploratório que levou em consideração a voz e expectativa dos sujeitos, estabelecendo o diálogo com a comunidade acadêmica da modalidade EJA.

Promover o empreendedorismo no currículo da modalidade EJA objetiva potencializar o empoderamento e a possível geração de novos negócios, além de capacitar jovens e adultos e estimular a força criativa, permitindo novas possibilidades e expectativas no âmbito pessoal e profissional.

O resultado esbarrou nas tentativas frustradas de entrar em contato com equipes gestoras de escolas que oferecem a modalidade EJA na rede pública de Passo Fundo/RS, oportunizou-se então entrar em contato com os alunos, fora do âmbito da escola. Entendeu-se que os gestores de escolas no momento estavam com seus contatos desatualizados ou tinham outras prioridades que incluíam o novo ensino médio, cujo os mesmos ainda não sabiam como lidar ou simplesmente resistiam ao máximo aquilo que diziam ser novo.

Segundo os alunos da modalidade EJA, a proposta deveria acontecer de acordo com a demanda da instituição por meio de um espaço agradável, climatizado e propício para o ensino, dispondo também de multimídia como computador e data show para o desenvolvimento de atividades e ainda que não houvesse

os recursos citados, o simples fato de mobilizar a capacidade geradora já seria um motivo significativo para a redução da histórica evasão escolar.

Além de enriquecer a modalidade EJA, a proposta poderia beneficiar os discentes da Formação Pedagógica Para Graduados não Licenciados que poderiam atuar no percurso dos alunos, vivenciando a docência e adquirindo atividades complementares necessárias para a formação.

De acordo com Vítor, José Janderson, Wellington e Eliel, que frequentaram a modalidade EJA na mesma escola do Bairro Vera Cruz, a evasão escolar torna-se uma opção quando a escola não desperta uma necessidade, talvez se o currículo fosse construído para o aluno e o mesmo ganhasse lugar de sujeito não seria necessário discutir a modalidade EJA como se fosse um anexo.

A dona Riquele sinalizou que os componentes curriculares os transformam em seres pequenos, inferiores e cita que os conteúdos em si não transformam as pessoas em seres geniais, e não estão acima das vivências e experiências de cada um. O conhecimento oferecido na escola levará as pessoas para o mundo do trabalho, e o empreendedorismo entrando no currículo como uma proposta de emancipação mesmo que de forma tímida, ainda assim, configura-se como um combustível para os alunos, devendo também considerar a mulher como um agente de transformação.

“...por tradição histórica, a mulher teve sua existência atrelada à família, o que lhe dava a obrigação de submeter-se ao domínio masculino, seja pai, esposo ou mesmo o irmão. Sua identidade, segundo esses estudos, foi sendo construída em torno do casamento, da maternidade, da vida privada-doméstica, fora dos muros dos espaços públicos. E por essa tradição, construída historicamente, a mulher se viu destituída de seus direitos civis. Não podia participar de uma educação que fosse capaz de prepará-la para poder administrar sua própria vida e de ter acesso às profissões de maior prestígio. Assim, por um longo período histórico, a família, a igreja e a escola, elementos inerentes a esse processo, enquanto instituições, vão sustentar esse projeto moralizador, tutelando a mulher ao poder econômico e político do homem brasileiro...” (FERREIRA, 2007, p. 15).

Considerando os alunos citados, mais 10 alunos da mesma modalidade, Com idade entre 23 e 49 anos, sendo 60% homens, participaram da pesquisa depois de uma partida de futebol num espaço privado da cidade em pleno sábado no turno da tarde, aparentemente um número pequeno de alunos, no entanto, por vezes nem a própria escola consegue juntar esta quantidade numa sala de aula, considerando os dias de temperaturas agradáveis. Pelo menos 80% dos alunos gostam de ser funcionários, não que seja a melhor opção, mas já é cultural e hereditário.

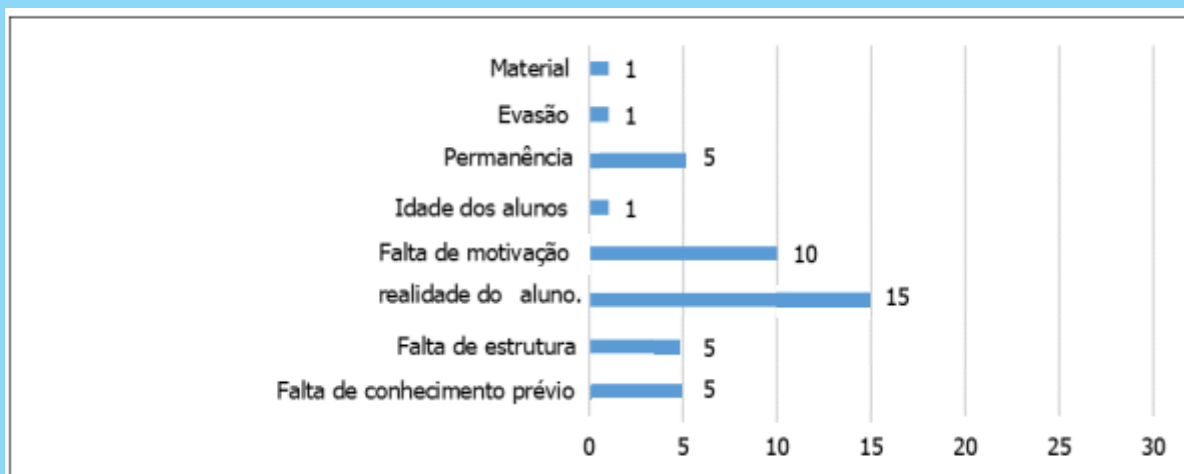
Para 93% dos alunos, a modalidade EJA é marginalizada, segregada, pouco expressiva, mas necessária. Por vezes, o aluno vai pra escola com todo o seu despreparo, preparado para a aula mais passiva possível.

Vale ressaltar que foram abordados alguns desafios que a modalidade EJA enfrenta, e a principal limitação no cenário atual é a realidade individual, neste item 100% entraram em concordância. Cabe saber que o empreendedorismo em algum momento é discutido na modalidade EJA, faz parte do plano de aula, no entanto, abstrato, pouco objetivo, meramente conceitual e distante de uma proposta transformadora.

Percebe-se que o empreendedorismo na modalidade EJA passa pelo currículo do aluno, mas não

promove a emancipação em sua práxis. Quando discutido a modalidade EJA, destaca-se os desafios:

Figura 1: Desafios na modalidade EJA



Fonte: Autor (2022)

Questionado os motivos pelo qual resolveram ingressar na modalidade EJA, surgiram as seguintes respostas:

Tabela 1: Motivos para ingressar na modalidade EJA

RESPOSTA	Nº DE ALUNOS
Conseguir uma promoção ou emprego melhor	15
Fazer uma Faculdade	01
Exigência do trabalho	04
Realização de um sonho	02
Independência	10

Fonte: Autor (2022)

Vale ressaltar que houve mais de uma resposta por parte da mesma pessoa. Não obstante, percebe-se que o acesso ao ensino superior não é prioridade por vezes pela falta de entendimento ou de segurança, levando em consideração a ausência da devida valorização do profissional com ensino superior.

Quando questionados quanto ao impacto de uma educação mais empreendedora, surgiram as seguintes respostas:

Tabela 2: Impactos de uma educação empreendedora na modalidade EJA

RESPOSTA	Nº DE ALUNOS
Geração de mais dinheiro	10
Provar que são capazes	08
Empreender no local onde trabalha	03
Desenvolver benefícios para a sociedade	05
Afastar as futuras gerações da modalidade EJA	06

Fonte: Autor (2022)

Conforme sinalizado na tabela 2, uma educação empreendedora na modalidade EJA mesmo que de forma tímida gera uma expectativa de afastamento das futuras gerações ao possível atraso ou falta de acesso à educação básica no tempo certo.

Não obstante, todos sinalizaram que a oferta do empreendedorismo na modalidade EJA seria uma oportunidade relevante e até mesmo motivo para futuras promoções dentro das empresas em que trabalham e para a geração de outras fontes de renda. Antes destes fatores, destaca-se o desenvolvimento pessoal, a capacidade cognitiva, autonomia, autoestima e emancipação.

Observou-se que o empreendedorismo é indispensável no desempenho pessoal e profissional, e a escola necessita suprir esta necessidade, considerando que a experiência adquirida é tão satisfatória quanto os conteúdos abordados e o fato de retornar pra escola já configura uma ação empreendedora.

CONCLUSÃO

Conclui-se que na modalidade EJA torna-se cada vez mais necessário o olhar atento às vivências, experiências e anseios de cada aluno. Precisa-se com urgência superar as desigualdades e potencializar o empreendedorismo para a qualidade de vida e o reconhecimento social eficaz.

Sabe-se que o grande problema de acesso à educação é inferior aos problemas enfrentados quando se fala da permanência do aluno dentro da escola. O ensino significativo que leva em consideração a realidade de si, do outro e do mundo potencializa a consolidação de aprendizagens da escola para a vida.

Observa-se um cenário globalizado e cada vez mais competitivo que exige uma educação empreendedora onde os componentes curriculares tenham impacto social e proporcione ações concretas na modalidade EJA, os alunos desta modalidade buscam uma educação libertadora. Sugere-se que novos estudos sejam aplicados e espera-se uma maior participação por parte de equipes gestoras para que se tenha uma percepção que permita ir além da visão do aluno e que posteriormente nos leve a outros caminhos por vezes ainda não percorridos pelo professor.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Elaine Cristina. Empreendedorismo e Responsabilidade Social [livro eletrônico]. Curitiba: Intersabers, 2014.

BIAGGIO, Luiz Arnaldo. Empreendedorismo: construindo seu projeto de vida. Barueri, SP. 2012

ClAVATTA, Maria; RUMMERT, Maria Sônia. As implicações Políticas e Pedagógicas do Currículo na Educação de Jovens e Adultos Integrada à formação profissional. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p. 461-480, abr.-jun. 2010

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. 4. ed. Barueri: Manole, 2012. 334 p. ISBN 9788520432778.

COROA, R. P. Saberes construídos pelos professores de Matemática em sua prática docente na Educação de Jovens e Adultos. Belém, 2006. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) –Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

DEGEN, Ronald Jean. O Empreendedor: empreender como opção de carreira. [S.l.]: Pearson. 466 p. ISBN 9788576052050.

FERREIRA, M. J. de R. Escolarização e gênero feminino. Um estudo de caso no EMJAT/CEFETES. 2007. 98 f. Monografia (Especialização). Curso de Especialização do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos. CEFETES, Vitória, 2007.

FERNANDES, Ciro Francisco Burgos. O empreendedor: Plano de Negócio do empreendedor – estudo para o sucesso: São Paulo. Pearson, 2012.

FERNANDO CÉSAR LENZI, Silvio Aparecido dos Santos, Tania Casado, Leonel Cezar Rodrigues. Talentos Inovadores na Empresa: como identificar e desenvolver empreendedores corporativos. [S.l.]: InterSaberes. 136 p

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1995.

HABERMAS, Jurgen. Discurso filosófico da modernidade. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

JONES, Gareth R. Teoria das Organizações - 6ª edição. [S.l.]: Pearson. 482 p. ISBN 9788576055600

KOTLER, Philip. Administração de Marketing. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

MARTINELLI, Dante Pinheiro; Joyal, André. Desenvolvimento Local e o Papel das Pequenas e Médias Empresas. [S.l.]: Manole. 356 p. ISBN 9788520416662.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. Empreendedorismo. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2012. v. 1.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2 ed. Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

PAIXÃO, Márcia Valéria. Inovação em produtos e serviços. Curitiba: InterSaberes, 2014. 184 p. ISBN 9788544301050.

PEREIRA JÚNIOR, E. Economia política da urbanização da região do Baixo Jaguaribe-CE: dinâmica populacional e novas formas de consumo, emprego e renda ... Geosul, v.20, n.40, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação: escola progressiva ou a transformação da escola. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

SCHNEIDER, Elton Ivan; Castelo Branco, Henrique José. A caminhada empreendedora a jornada de transformação de sonhos em realidade. [S.l.]: InterSaberes. 200 p. ISBN 9788582120378.

SERTEK, Paulo. Empreendedorismo. Curitiba: InterSaberes, 2012. 244 p. ISBN 9788565704199.

STADLER, Adriano (Org.). Empreendedorismo e responsabilidade social. Curitiba: InterSaberes, 2014. 172 p. ISBN 9788582129012.

SUZIGAN, Wilson; Albuquerque, Eduardo; Cario, Silvio Antonio Ferraz. Em busca da inovação: Interação universidade-empresa no Brasil - 1ª Edição. [S.l.]: Autêntica. 466 p. ISBN 9788582178201.

Resumo

A temática inteligência emocional tem sido alvo de muitos debates. Existem três fatores condicionantes que parecem estar presentes quanto à questão: interesses pessoais, relacionais e profissionais. A proposta deste artigo é colocar algumas perspectivas que envolvem estes fatores com base nas formulações de Daniel Goleman. Sua fundamentação apresenta cinco habilidades da IE, que são autocontrole emocional, controle emocional, automotivação, reconhecimento das emoções em outras pessoas e relacionamentos interpessoais. O debate será norteado em percepções possíveis frente a estes pressupostos e a partir deste avaliar as situações reais e vivenciais dentro das organizações de trabalho.

Palavras-chave: Inteligência emocional, Interesses pessoais, relacionais e profissionais

INTRODUÇÃO

A inteligência emocional é um tema cada vez mais relevante e impactante no contexto atual, em especial nas organizações de trabalho. Muitas questões são levantadas neste sentido quanto à possibilidade de melhorar desempenhos, formas de comunicação, de convivência, satisfação pessoal e profissional. As organizações com estes objetivos buscam intensificar treinamentos, identificar fatores, trabalhar os processos, redistribuir tarefas, enfim, entender e assimilar novos métodos de gestão.

Por sua vez, a competitividade de uma organização consiste também em outros elementos que não apenas seu capital intelectual. O comportamento organizacional tem demonstrado que ao redefinir o que é ser inteligente possibilita às organizações um despertar da consciência emotiva. Essa medida favorece um equilíbrio do potencial de cada indivíduo e propicia assim o crescimento da empresa como um todo.

Goleman sinaliza que o controle das emoções é fundamental para o desenvolvimento da inteligência de um indivíduo. Segundo ele, não há uma loteria genética que define quem ganha e quem perde no jogo da vida. Postula que existem pontos que determinam o temperamento, muitos dos circuitos cerebrais da mente humana são maleáveis e podem ser trabalhados. Dessa forma, o autor propõe que temperamento não é destino, mas sim, algo que pode ser entendido e desenvolvido.

A inteligência emocional pode ser entendida como a capacidade de controlar emoções, para obter a reação mais adequada sob uma ação inesperada. Em muitos casos, dentro da vivência organizacional isto não ocorre, devido ao fato de que as emoções se preponderam sobre o lado racional. Em particular, porque as pessoas que estão envolvidas, muitas vezes, disputam entre si, e isso afeta a tomada de decisões e inibe que seja feita de forma imparcial.

1 Psicóloga, Mestre em Desenvolvimento Local Sustentável e Escritora.

A temática será desenvolvida em três momentos, no primeiro será trazido o conceito de inteligência emocional de acordo com Daniel Goleman que dará embasamento para as demais colocações, no segundo, será abordado alguns fatores condicionantes da inteligência emocional quanto aos interesses pessoais, relacionais e profissionais, e, por último, as considerações finais percebidas a partir das possíveis formulações, em especial, frente a estes pressupostos avaliar as situações reais e vivenciais dentro das organizações.

CONCEITO DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

A Inteligência emocional é um conceito relacionado com a denominada inteligência social, discutida na psicologia e criado pelo psicólogo Daniel Goleman. Para ele um indivíduo emocionalmente inteligente é aquele que consegue identificar as suas emoções com mais facilidade.

Goleman conceitua a Inteligência Emocional como a capacidade de identificar os próprios sentimentos e os dos outros, definir o que motiva e de gerir bem as emoções dentro de cada um e nos seus relacionamentos. Para o autor, a Inteligência Emocional é a maior responsável pelo sucesso ou insucesso dos indivíduos. O autor coloca que a maioria das situações de trabalho e da vida são envolvidas por relacionamentos entre as pessoas. Desta forma, pessoas com qualidades de relacionamento humano, como por exemplo, afabilidade, compreensão e gentileza, desenvolvem mais chances de alcançar o sucesso.

Habilidades da Inteligência Emocional

Daniel Goleman destaca que a Inteligência Emocional pode ser categorizada em cinco habilidades:

1. Autoconhecimento emocional: Capacidade de reconhecer as próprias emoções e sentimentos. A ausência desta habilidade de reconhecer os sentimentos nos deixa à mercê das emoções. Pessoas com esta habilidade são melhores “pilotos” das suas vidas.
2. Controle emocional: Habilidade de lidar com os próprios sentimentos, adequando-os a cada situação vivida. Tendo consciência das emoções negativas que nos bloqueiam, podemos nos libertar delas por meio de um processo dirigido pela razão. É possível escolher pensar de maneira otimista, da mesma forma que um passeio pode acalmar quando se está furioso. Importante conseguir reconhecer as emoções que estão sendo vividas para poder fazer algo a respeito delas.
3. Automotivação: Trata-se da capacidade de dirigir as emoções a serviço de um objetivo ou realização pessoal. Se a ansiedade e os aborrecimentos são os condutores dificilmente se conseguirá concentrar na tarefa realizada. Por outro lado, a motivação facilitará o caminho da satisfação e gratificação pelo desempenho de determinada tarefa.
4. Reconhecimento das emoções em outras pessoas: Diz respeito à habilidade de reconhecer emoções no outro e ter empatia de sentimentos. Empatia é outra habilidade que constrói o autoconhecimento emocional. Ela permite às pessoas reconhecerem necessidades e desejos nos outros, permitindo-lhes a construção de relacionamentos mais eficazes.
5. Relacionamentos interpessoais: Habilidade de interação com outros indivíduos, utilizando competências sociais. O relacionamento é, em grande parte, a habilidade de gerir sentimentos de outros. É à base de

sustentação da popularidade, da liderança e da eficiência interpessoal. Pessoas com esta capacidade são mais eficazes em tudo o que diz respeito às interações interpessoais.

Ao desenvolver a Inteligência Emocional todos têm a possibilidade de melhorar qualquer uma das habilidades destacadas por Goleman. A Inteligência Emocional pode ser desenvolvida, treinada e aprimorada com a construção de novos hábitos, novas formas de pensar e se comportar.

Em destaque o que fica evidente é uma das grandes prerrogativas das pessoas com inteligência emocional é a capacidade de se automotivar e seguir em frente, mesmo diante de frustrações e desilusões. Entre as características da inteligência emocional está a capacidade de controlar impulsos, canalizar emoções para situações adequadas, praticar a gratidão e motivar as pessoas, além de outras qualidades que possam ajudar a encorajar outros indivíduos.

FATORES CONDICIONANTES DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: INTERESSES PESSOAIS, RELACIONAIS E PROFISSIONAIS

De acordo com estas afirmações sobre o que é inteligência emocional e formas possíveis de ser utilizada podem sensivelmente ser percebidas, em especial, nas organizações. Os fatores condicionantes da inteligência emocional quanto aos interesses pessoais, relacionais e profissionais parecem, no entanto, serem os balizadores de suas possibilidades.

Os interesses pessoais dizem respeito ao que a pessoa deseja, suas ambições, seus sonhos, enfim, tramitam pelo que é próprio de cada indivíduo. A inteligência emocional, por sua vez, deve passar por estes interesses. Isto é, a pessoa deseja ter e desenvolver estas habilidades? O quanto este desenvolvimento é importante e pode contribuir, ou ser um facilitador? Quando que deve começar este ‘desenvolvimento’ de sua inteligência emocional?

Em muitos casos, a inteligência intelectual parece ainda prevalecer quando se pensa em conhecer, estar preparado para exercer funções, desempenhar atividades, ter uma formação acadêmica, enfim, atuar no meio social, familiar e até mesmo no profissional. Por outro lado, a inteligência emocional que acompanha a todos, porém, parece que ainda necessita ser mais compreendida e assimilada.

Os interesses relacionais pressupõem que as pessoas saibam conviver, compartilhar e interagir. Mas quando a inteligência emocional poderá ser testada? Quando as situações adversas, extremadas e de grande impacto também compõem as vivências. Hoje parece muito tranquilo quando se fala em aceitação das diferenças individuais, culturais, raciais, dentro outros, mas será que é assim mesmo que acontece? Os processos de inclusão, convívio social, debates, divergência de opinião, conflitos em geral são tratados e conduzidos para além do que é chamado minimamente de educação.

Os interesses profissionais incidem um pouco dos outros fatores condicionantes. Para se sucesso profissional é imprescindível ter seus interesses pessoais e relacionais alinhados e amadurecidos. Isto é, não basta ter vontade e querer é preciso estar atento aos acontecimentos, as possibilidades, as oportunidades, as trocas, saber partilhar, inovar e ter as chamadas habilidades de comunicação e inter-relação com os demais.

Considerações Finais

A temática da inteligência emocional precisa cada vez mais fazer parte dos debates e possibilidades de desenvolvimento das pessoas. Tem ainda um longo caminho a ser percorrido não somente pelas pessoas individualmente, mas, sobretudo, da sociedade como um todo. Isto também envolve as famílias, a escola, as instituições em geral, e em especial, o trabalho.

Aprender a conviver, compartilhar, comunicar, ouvir, sem dúvida é mais que estar preparado para o mercado de trabalho. Todo o potencial de interação começa pelo crescimento da pessoa, do seu reconhecimento, de sua identidade, para depois poder compor junto aos outros o contexto social. Nas organizações de trabalho acontece da mesma forma, é preciso que os fatores condicionantes estejam alinhados e amadurecidos para que em conjunto se obtenha bons resultados, seja para si mesmo, bem como da empresa como um todo.

De acordo com Goleman a inteligência emocional se subdivide em habilidades específicas como autoconhecimento emocional, controle emocional, automotivação e empatia e é preciso querer desenvolver relacionamentos interpessoais (habilidades sociais) para que se tenha sucesso em todos os setores da vida. Desta forma, é preciso controlar as emoções e sentimentos, com o intuito de conseguir atingir algum objetivo. Sem dúvida, o desenvolvimento da inteligência emocional é um dos principais trunfos para o sucesso pessoal e profissional.

Referências Bibliográficas

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional – a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*, Editora Objetiva, 1995

_____. *Trabalhando com a inteligência emocional*, Editora Objetiva, 1999



Cartas

Carta aberta de uma árvore

21/09/2024: Dia da Árvore

Olivaldo Júnior

Caro(a) humano(a), ou Homo sapiens

Em meio a essa fumaça, desgarrada de mim mesma, venho aqui me despedir. Não, não porque eu queira, mas porque alguém me quer sem ar. Logo a mim, que faço a fotossíntese do ar que você também respira. Respira, não pira, mas a verdade é essa, estão nos matando! E não é de hoje, não, faz muito tempo! É que, discretas como somos, úteis em nossa essência de servir à humanidade e a tudo que é de fauna e até de flora, regulamos o ciclo da vida em tudo.

Não, não queria estar lhe escrevendo isso hoje, bem no dia de hoje, que é meu dia, ou melhor, o dia de tantas outras árvores que, mesmo à beira de um penhasco, se fazem ver, se fazem fortes, sonham com quem lhe venha à sombra descansar e, com a falta de chuvas, dar-lhes água, bálsamo que o céu deságua sobre nós para nutrir quem nem sempre dá de volta o que recebe, a ingratidão humana. Árvore, espalho as raízes de mim mesma, certa de ser arte.

Na arte de ser luz, luzidia ao sol a pino, movo minhas folhas quando o vento me demove, mas nem assim comovo a quem se move com muito mais facilidade do que eu, mas não faz nada, ou quase nada, para que outras de mim sejam cada vez em maior número na Terra. Na Terra, ou na terra, é onde passamos a maior parte do tempo, que está se esgotando para você também, que precisa do ar, que é o marco inicial das árvores e mais árvores que há.

Sem mais para o momento,

me despeço,

Árvore(s) do mundo e de sua (im)própria cidade

Mogi Guaçu, São Paulo, 21 de setembro de 2024.

Olivaldo Júnior nasceu em Aguaí, São Paulo, mas mora em Mogi Guaçu desde criança. Seus pais, sempre que podiam, o incentivavam lhe comprando os discos e os livros que pedia. Apaixonado por arte, é formado em Radialismo: Setor Locução pelo Senac São Paulo e plenamente licenciado em Letras, com Habilitação em Português/Inglês, pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada (FIMI).

Seus textos têm obtido diversas classificações, nos mais variados gêneros, em inúmeros concursos literários, regularmente.

Seu contato: @olivaldo.junior.



FLAVIO
REZENDE
NEW YORK - PHOTO TOUR 2024

Contos

Inseparáveis

Enquanto ela se despia de suas finas camadas,

ele era só dentes para sua pele alva.

Sempre que se uniam, a temperatura se elevava, embaçando o ambiente a sua volta, gotículas de calor se condensavam no ar.

Quase que se derretiam juntos.

O amor é o que os unia e tudo entre eles

era gostoso. A língua que o diga, ou melhor, que

experimente. Estalo na boca louca de prazer.

Que volúpia! Que gula!

O cheiro difícil de resistir à vontade louca de repetir. Combinaram de se encontrar diariamente, sempre na cozinha, sempre no mesmo horário. Ela, Dona Cebola, ele, Senhor Alho.

Autor: Adriano Salvi

A poesia que amava as pessoas (Aline Cristiane Flauzino Cruz)

Esse amor é apenas satisfação perdida de um desejo simples, menor: desejo de abrir várias portas, romper cativeiros da alma das pessoas, acender luzes num novo amanhã, propor a verdadeira liberdade e igualdade entre as pessoas do mundo como Jesus Cristo nos ensinou um dia. A poesia tinha o desejo de expor os assobios que tanto tem experimentado ao ver as dores do mundo mortal, os calvários da humanidade mortal que vive cada dia no tormento eterno pelo dinheiro e pela fama mortal.

Disse a poesia as pessoas

A vida humana é uma constante experiência de travessia no oceano da existência. Uma existência como uma pluma levada ao ar pelo vento. Voando tão leve, mas tem vida breve que precisa do vento para pode voar.

As asas das pessoas estão coladas no chão pelas preocupações mortais. As pessoas dizem a poesia tire seu sorriso do nosso caminho nos queremos passar com nossa dor. Hoje por vocês sou um espinho nos seus espíritos e mentes.

Espinhos não machucar a flor. Ouça nos, poesia.

Preste atenção, o mundo é um moinho, que vai triturar seus altruístas. Vai reduzir as suas boas ações a pó.

Poesia o mundo não estava pronto a séculos para ti e também hoje estar mais longe do teu amor.

A vida vem em ondas emensa como o mar imortal, num indo-e-vindo infinito como minhas palavras perdidas no tempo. Poesia desista das pessoas muitas não querem ouvir suas palavras se não ouvirem à dois mil anos atrás não vão ouvir mais, tuas palavras eternas esinceras como luar do teu olhar.

As pessoas se encontram em constante evolução pelo menos é que disserem.

Mas pessoas que maltratam os animais que também são poesia viva não podem ser chamados de ser de evoluído, como a poesia maior é sincera e verdadeira os animais também são sinceros e verdadeiros amigos e leais. Poesia está na sombra do chapéu do sábio, um sábio infinito eterno como eternidade é o símbolo da vitória mortal. Um símbolo da realidade que estabelece pontes, gera entendimento e superação.

Poesia disse o sábio salário anual de algumas pessoas é o pecado da falta de fé no reino maior um onde os pássaros cantam livremente por toda eternidade sem fim.

A poesia respondeu ao sábio mortal

Tem pessoas que permitem o crescimento e a superação de seus limites estabelecer pontes entre nós pela força da fé no novo amanhã que nos conectar numa conexão divina

La hermana

Mientras camina rumbo a Florida ¡cuánta gente a esa hora! como siempre, piensa en la hermana. Hoy a las tres la operan, a corazón abierto. Estará pendiente de la operación.

Y mientras toma un café parado en el mostrador de la London, piensa en la hermana. ¿Cómo sacarse esa obsesión? Juana estaba muy gorda, piensa mientras degusta el café, está bien cargado, hoy lo pidió así, otras veces lo pide cortado.

Si no fuera por las responsabilidades del cargo hoy hubiera faltado, no tenía ganas de ir a la oficina, firmar, decidir, y sobre todo eso, decidir.

A veces nota que le molestan los empleados, vienen con preguntas que ni él mismo sabe resolver. ¿Y qué sé yo? responde a veces. Y otras ¿venís con un problema? ¿y esta vez qué?

Como ahora, cuando esa chica, tan inteligente golpea la puerta y él dice ¿quién es? Y ella, con la pollera a la rodilla y bien peinada, como lo exige la empresa, se sienta frente al escritorio abre una carpeta y le explica. Y habla y habla, pero él realmente no la escucha. Esa chica, a veces piensa en ella, se la ve tan formal, sin embargo, llega vestida de pantalones, distinta, y se cambia para trabajar.

Se ve que después de la guerra, las cosas se aflojaron. Las mujeres parecen distintas, como ella.

- No puedo contestarte ahora, no sé, tengo que pensar en el proyecto, dejámelo - dice

Y la chica se retira rumbo al escritorio. A la chica le gusta mirar las palomas que aparecen a la tarde en la ventana. Abre paquetes de galletitas y les da migas. Las palomas de plumaje azul grisáceo, o plateadas como peltre se acercan. Es una nota de alegría en esa oficina tan gris.

Tal vez hubiera sido mejor haber ido a la clínica, mientras operaban a Juana. Y sin saber cómo, por momentos, aparecen como ráfagas de recuerdos, como flashes, como iluminaciones cuando

Juana, la hermana menor, siempre desplazada en esa familia jugaba con él.

Era en la casa, de Flores, donde los vecinos árabes se asomaban por la terraza y él y Juana se asomaban también a ver qué hacían los otros. Después de todo no era tan aburrido el barrio ni la casa. Aunque era una casa modesta. Algo a lo que él no toleraría volver. A una casa modesta.

A un barrio modesto, como donde vive su hermana. Eso sí que no. Antes muerto. Ahora sí disfrutaba de su piso en Caballito, de la quinta en Paso del Rey. Eso sí que era vida, la quinta los fines de semana.

Ahí podía dar curso a la destreza y a la imaginación para el jardín: había plantado árboles frutales, plantas con flores, sembrado pasto inglés y gramilla. Combinar flores de distintos colores, las azules con las violeta, las rojas con las amarillas y naranja, almácigos con arbustos, siempre había que usar la creatividad para algo. Y lo que más le gustaba: tender la hamaca paraguaya entre dos árboles y dormir la siesta ahí, mientras, Negra, su mujer, se dedicaba a lavar los platos, o los hijos se entretenían al borde de la pileta, cuando era verano.

Eran las doce y lo llamó a Roberto por el intercomunicador para ir a comer. Afuera, como siempre.

Se miró los zapatos, estaban lustrados, brillantes, como correspondía al cargo de un hombre con poder.

Salió dando un portazo del despacho, tenían que entender, que él hoy no podía atender a nadie, ni responder a nadie.

A Roberto no podía decirle lo que pensaba ni lo que le pasaba ese día. Prefería hablar de otra cosa, a Roberto lo veía sobrecargado, mucho trabajo, muchas decisiones, eso que a él no le gustaba hacer.

Pidieron un bife con ensalada sin postre y café. Hablaron de las tasas de interés, parecía que las Líbor estaban subiendo. Y a lo mejor era eso lo que lo tenía mal a Roberto, con esa cara de preocupación.

En el restaurante, como siempre, entraba la chica a comer. Se sentaba lejos, con un libro y comía y leía. ¿Qué pensaría ella? ¿Y a quién podía importarle lo que pensaba esa chica? Si no tenía ningún

poder. Era una empleada, nada más. A él le hubiera gustado saber qué era lo que ella leía, pero jamás hacía ningún comentario, ni siquiera cuando él intentaba tirarle de la lengua, cuando ella le llevaba algún proyecto y él le hablaba de cine. Ella lo escuchaba y enseguida cambiaba de tema y volvía al del trabajo.

Las dos de la tarde y el hombre a la expectativa: dentro de una hora iban a operar a la hermana.

En los últimos años se veían poco, no se frecuentaban, salvo cuando Juana, a principio de mes iba a la oficina y él le daba algunos pesos, porque los necesitaba.

Ahora, casi, casi, estaba arrepentido de no haber visto más a la hermana. Podía haberla invitado alguna vez a comer afuera, al mediodía, o a la quinta, en verano. Negra y Juana no se llevaban bien, acaso se detestaban. Pero Juana era su hermana, el único vínculo de sangre que le quedaba, y tal vez podría haber hecho por ella algo más.

Alguien golpeaba la puerta y no tenía ganas de decir: ¡adelante! Tal vez fuera mejor sacar de uno de los cajones del escritorio el crucigrama que venía haciendo desde hace varios días. Eso, para no pensar.

Dentro de un rato saldría de la oficina, tomaría un café por Florida, en algún bar donde nadie pudiera verlo o al menos, fuera más difícil.

Tenía que caminar, tenía que pensar, y el único pensamiento volvía una y otra vez a su mente: Juana. La vio corriendo por el patio, después por la vereda, tenía el pelo suelto y él le había pedido que le comprara cigarrillos:

- Si se entera mamá te mato - dijo, mientras le daba algunas monedas.

Después la vio saltando a la soga, jugando rayuela en la calle con las amigas...

Ya en Florida, mirar las vidrieras rebosantes de artículos importados lo entretenían.

Le gustaría comprarse una pipa, si fumara. Pero era un hombre metódico. Tal vez un disco

nuevo, para escuchar los fines de semana. Pidió un café sin azúcar, lo bebió y se entretuvo mirando a las chicas que caminaban. Poco después entró a un negocio de productos importados, no importa qué, para ver qué podía comprar.

Eran las tres de la tarde cuando volvió al escritorio, cerró la puerta y se sentó.

Antes, le pidió a la secretaria que no le pasara llamados, salvo si era por su hermana. ¡Qué momentos! ¡Qué día más triste! pensaba. Su hermana en el quirófano y él, ahí, sin poder hacer nada. Era por su cargo, por su responsabilidad. No podía tirar todo por la borda y mandarse a mudar, hacer lo que hubiera querido. ¿Y no sería mejor pensar

en el cine, en las películas que le habían gustado más? La amante del teniente francés era buena. O alguna con Ornella Mutti, esas sí eran buenas.

Eran las cinco de la tarde cuando la secretaria por el intercomunicador, dijo:

- Tiene un llamado, señor R.

- ¿Quién es?

- Su sobrino, el hijo de su hermana

(c) Araceli Otamendi

Araceli Otamendi nació en Quilmes, Provincia de Buenos Aires, Argentina. Vive en la ciudad de Buenos Aires desde los 9 años.

Es escritora y periodista, blogger, traductora y editora. Desde el año 2002 dirige y edita ininterrumpidamente las revistas digitales de cultura Archivos del Sur y Barco de papel (para niños, padres y docentes).

Escribe cuentos, novelas, ensayos, crónicas y poesía.

En 1994 recibió el Premio Fundación El Libro por su novela policial Pájaros debajo de la piel y cerveza. Ha publicado la novela policial Extraños en la noche de Iemanjá en formato e.ebook.

Sus cuentos son publicados en antologías de Argentina y de otros países, en revistas, periódicos y sitios web.

Más información:

<https://revistaarchivosdelsur.blogspot.com/p/araceli-otamendi-escritora-y-periodista.html>



Emecê Garcia é poeta, contista, filósofo, professor formado em Letras, em Filosofia e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRN.

DOIS PRISMAS

E tudo foi apenas, uma vez, num país de brincadeira, criado por gente grande.

Dois homens encaravam o trabalho por duas linhas de pensamentos. O primeiro, via o trabalho pela célebre frase: “o trabalho dignifica o homem;” e o outro, pela ideia de que “o trabalho escraviza o homem”.

O dignificado homem trabalhava incansavelmente, dezesseis horas, dezoito horas, às vezes, vinte horas por dia. Mal tinha tempo para a sua família. Dignidade no trabalho, educação garantida dos filhos. E assim, o ilustre cidadão engrandecia ao seu patrão, a sua nação trabalhando, trabalhando, e só trabalhando...

O do pensamento do trabalho que escraviza o homem, incansavelmente trabalhava as mesmas dezesseis, dezoito, vinte e até mais horas. Só que, trabalhava conciliado ao estudo de análise, sempre em busca de uma solução, para todo e qualquer serviço que executasse em sua vida. Este, também, muitas vezes, a sua família nem o tinha em casa.

Deu-se que, certa vez, naquele país de brincadeira; criado por gente grande; os dois homens se encontraram. O do “trabalho que escraviza o homem” foi chamado para prestar serviço na empresa em que o “do trabalho que dignifica o homem” trabalhava. Visto que, ambos tinham a mesma profissão. O “do que dignifica” foi para outro setor; e o “do que escraviza” assumiu o seu lugar; e se viu diante de mil e uma tarefas para executar. Sem hesitar, e sem perda de tempo, deu-se ao trabalho e, simultaneamente, ao estudo de análise daquilo que passou a fazer, naquela empresa.

E o homem “do trabalho que escraviza o homem”, nunca trabalhou tanto em sua vida.

Uma semana, duas semanas entregou-se, incansavelmente, ao trabalho simultâneo, produzindo para o patrão e para o engrandecimento da nação; em busca de uma solução. E o homem esquecera-se da sua filosofia com relação ao trabalho, pois se entregara à filosofia do outro que “o trabalho dignifica o homem”. Era um homem com dignidade? A sua família sentira radicalmente, a sua mudança...

Um mês, iria fazer que o homem “do trabalho que escraviza o homem”, chegou naquela empresa, quando tão logo, arranjou uma solução para cada tarefa e fez tudo de forma inteligentemente trabalhada. Nunca mais o homem do segundo pensamento teve trabalho para fazer naquela empresa. Solucionara todos os problemas que eram especificamente técnicos.

Dias depois, foi visitar o amigo, o tal “dignificado trabalhador”, que já estava reformado, com depressão e ulcerado pelo nervosismo.

- Isto é de ele fumar feito uma caipora. Disse-lhe, a mulher do seu amigo.

DO LIVRO AINDA INÉDITO: **LIÇÕES PELO PARADOXO** DE EMECÊ GARCIA

“As tradições são sempre os símbolos do decorrer das histórias das famílias, seja formas de comportamento, seja através da passagem de objetos de geração a geração, legados, um nome, todo um império que marcou uma era.

Muitos têm do que e quem se orgulhar, mas não estamos aqui para enaltecer os méritos dos samaritanos. Os heróis dos cânticos clássicos tem um passado e distorções que ocultam os terríveis meios que consolidaram seu poder, mesmo que haja indiscrição demasiada, não há insano que ouse questionar seus atos já que as ameaças nas entrelinhas mantém refém o opositor.

Pior que o crime são as justificativas vãs que rodeiam a cena, os espectadores sedentos pela próxima barbárie sequer chocados com a incidência contínua da tecelagem do manto de sangue profano renovado sazonalmente, cúmplices entretidos com o espetáculo dos que jaziam na arena. Será que vale custear sua felicidade genuína em uma falsa sensação de união junto aos que esfaqueiam-lhe as costas após sorrir docemente? A violência é reduzida a lições de moral por partir de uma pessoa mais velha? Até o respeito é condicionado pelo merecimento, pela imposição do medo?

Os pilares desta fortaleza são compostos do sofrimento dos que aprenderam a curvar-se diante dos tiranos. Manter-se longe soa sugestivo, contudo, sempre voltamos a posição vinculada a servos na prontidão de capacho às injúrias. As muralhas reprimem os lamuriosos gritos derivados da tortura imparável, não há comodidade, tampouco conforto, nós ingratos queremos nos libertar, seja lá o que isso significa.

Recuso-me a compactuar com os complôs da corte e degolar inocentes ciente da proximidade de minha sentença. Estamos exaustos do desperdício de carência gerado por eles ao destratar seus próprios descendentes. Os bastardos triunfam e as cortesãs que os pariram usufruem do amor que deveríamos receber. Agora excomungados, iremos atrás de vingança, pelos semelhantes humilhados e pela redenção de nossas almas vazias.

Marcharemos armados até os dentes, não verifica-se diplomacia que tire-os do poder a não ser a morte. Declaro guerra ao parlamento do alto escalão do Céu! Não tememos as agruras do inferno! Derrubaremos os portões do falso refúgio dos demônios obsessores! O Divino jamais merece ser associado a vocês! A família não deveria oferecer pragas aos seus filhos, a genética, o dinheiro, o jeito de ser, amor... de que vale tudo isso se alguém virá, tomará isso de você e será bem recebido pelos patriarcas? Repúdio à conveniência de abrigar soldados semeadores de discórdia para manipular tudo a seu favor. Se depender do meu bando, essa linhagem devassa acaba aqui, eu renuncio compartilhar esta vida com estes trastes inconsequentes! Partirei após derrubá-los e seguirei arrastando as correntes e cicatrizes diversas que marcam o tempo que passei acreditando nas mentiras desonrosas e delirantes que causaram a minha permanência. Não buscarei aprovação, nem opiniões dos terceiros que se veem no direito de apontar o julgamento. Minha condenação já está assinada. Já que não tenho nada a perder, declamo:

MORRAM USURPADORES!”

Após discursar sob custódia dos juízes, Soraya foi encaminhada ao gestor de abatimento portando um riso espalhafatoso e canalha, temer não era seu forte, sua vaga existência perdera sentido antes da maturação. Seria servente do senhor das trevas com gosto e provaria que os humanos são indignos de piedade dos espíritos.

Prepararam seu corpo para a guilhotina e pouparam-na de rezas, teria o que pediu, cumpriria sua profecia e quebraria a maldição jogada em si. Iria reduzir a pó os dentes daqueles que zombam dos que pereceram, quebraria seus ossos e ia produzir farinha para alimentar seu ego quase inexistente. Jurou no leito de morte a pretensão de esfacela-los um a um, sem compaixão. Trouxeram a moça a arena e puseram-na sobre o alcance da lâmina mal amolada, curvada e jubilante, enfim iniciaria a vida que sequer ansiava. O público extasiava a cada segundo, os inimigos gargalhavam imponentes, mas não por muito tempo. A corda foi solta num estalo e degolou a garota parcialmente, fazendo-a agonizar por horas, deleitando o público.

Por Geovanna de Souza Santana (Minb)

Manhã em mim

Enquanto bebe aguazinha no riacho, o burro sente um raio de sol pousando na orelha. Sacode a orelha.

Joga o raio de sol para mim. Eu ensolaro.

Autora: Kátia Vidal

Desde la ventana de la habitación, sus ojos acuosos se posaban con cariño y nostalgia sobre aquellos viejos y poderosos raíles de metal, vías muertas que como raíces profundas, siempre habían estado allí, partícipes del paisaje. Edgar el pensador, observaba como paralelamente se alejaban, perdiéndose en otros confines de mundos imaginarios y venerados, demasiado distantes, sentíase unido al añorante vacío, en un estado comatoso pero sosegado y sereno. Para Edgar el ferroviario, la estación del ferrocarril había sido su cuna y sería algún día, sin duda su sepultura. La ciudad quedaba lejos, Edgar el solitario lo prefería así. La anciana y olvidada estación creaba un oasis en medio del desierto, la gran fotografía de toda su existencia, el mapa de sus vivencias. El caserón era espacioso, dos plantas se alzaban en la plenitud de la nada. Arriba estaba su cuarto, Edgar el hacendoso mimaba los objetos como si de porcelana se tratara, limpiaba todos los días cada rincón del silencio y pasaba el trapo del polvo a la monotonía con cara risueña, los tres restantes habitáculos tenían algo en común, techos, paredes, suelos, muebles, se hallaban repletos de recuerdos de otras ciudades, de otros países, de modo que al atravesar los aposentos, uno se encontraba inmerso en distintas civilizaciones. Amuletos, iconos, figuras talladas, cuadros, candelabros, pipas de agua, toda clase de enseres de arte hechos de arcilla, de madera, bronce, plata, reliquias que antiguos viajeros de paso, o incluso moradores ocasionales le habían ofrecido con gratitud, pues esas tierras eran talismán de inspiración, muy apreciadas por pintores, poetas y toda raza de artistas. En el bajo estaba la fría sala de espera con las colillas en el suelo y sus graffitis en las paredes, en el lavabo y en los bancos de madera color carcoma. Desde los cristales se divisaba la clara llanura, el viento golpeaba con fuerza para despertar la dormida imaginación de un sueño que pertenecía al tiempo de los recuerdos. En ese ayer Edgar el solidario, abría las puertas dando cobijo y alimento a quien quisiera pasar allí una temporada, así Edgar el civilizado conoció todos los tiempos, la historia, las guerras, el sexo, el amor, aprendió a tocar varios instrumentos como el piano, las congas, los bongoes, la guitarra, el saxo, le inculcaron diferentes religiones, estudió la contemplación y la relajación mediante el tai-chí, el yoga, fue ovo-lácteo-vegetariano y profundizó en la cultura oriental, buscó la riqueza espiritual, practicaba idiomas y leyó infinidad de libros y escribió el suyo propio, al terminar la última página, Edgar el sabio puso fin a su vida con una sobredosis de conocimiento. Las arenas del desierto se arremolinaron creando dunas que enterraron aquel andén perdido, sus vías, la casa y a Edgar el viajero sedentario.

© Kim Bertran Canut

Barcelona

Kim Bertran Canut, nace en 1960 en Pont De Suert (Lleida)

Actualmente reside en Barcelona.

Dirigió (1996 a 2003) junto a tres compañeros “la asociación cultural CATÁRSIS” Con sede en Barcelona..

Se aficionó a la literatura y a la fotografía siendo adolescente.

En 1993 publicó la novela “Imaginación Atrapada” y en 2002 “El Reflejo de los sueños en lunas rotas (perdido en la eterna oportunidad)

Durante años ha colaborado con Webs y revistas literarias: Catársis, Caminos, Factum, EspacioUlises, Archivos del Sur, Barbante, Versos y Archipiélagos, Almiar, Nagari...

Fleet Foxes tocando no som de um rádio antigo.

Corpos juvenis que casualmente costumam atravessar a oitava avenida (da cidade azul).

Aux/Out se apresentando no show de um antigo bar de garagem.

É assim que tudo ficou registrado no último manuscrito.

E finalmente, quando o escritor está disposto a escutar boa música,

Uma provocação levada ao tom de desejo parece perseguir o menino, desde aquela noite.

Há motivos de *Helplessness Blues* lhe emocionar em tom de paixão, em vez de soar como nostalgia?

Glory Box ainda continua sendo a favorita (do escritor), desde que *Portishead* foi apresentado a ele, naquela madrugada.

Para contextualizar e deixar o passado para trás, ele precisava de um último ato,

Já que o último folhetim de amor parecia não ser suficiente para se afastar.

Por isso, ele se desfaz de todas as metáforas e escreve sobre a nudez de um sentimento que construiu erroneamente.

Ele deve estar em estado de delírio temporário ao fazer tudo isso!

A verdade é que nunca esteve tão atento (ao que sentia) desde sua última perda.

Escrevendo sobre o seu cachorro ou então sobre seu nome que de trás pra frente parece ser inovador.

Meu Deus! Essa só poderia ser a rua dele (a de número oito)!

Até quando a imaturidade vai permitir que exponha sua vida dessa forma, sem qualquer garantia de que o próximo não seja afetado?

É por isso que ainda está só! Parece nunca superar o passado, cavoucando cada sentimento para que se torne poesia.

Porque para quem (sobre)vive de escrita, seguir em frente é escrever sobre o que já foi.

Então, ele relê sobre tudo o que já amou e parece não se machucar mais.

Talvez *Glory Box* já não fizesse mais sentido àquela altura,

Mas voltaria a se divertir, com sonetos de outros cantores que não estão entre solos de guitarra e sons de bateria bufantes.

Biografia: Leonardo T. Domingues (@leotomaisofc) é um escritor nascido em Piracicaba, São Paulo, conhecido por sua paixão pela escrita, vinho e música. Com três livros autorais publicados e várias participações em antologias, sua jornada como escritor começou influenciada por amigos e pela observação da vida cotidiana. Inspirado por obras que marcaram sua adolescência, busca proporcionar identificação aos leitores em seus textos. Durante o isolamento, decidiu publicar seus próprios livros, incluindo “Te Li Nas Estrelas” e “Doce Heresia”, ambos bem recebidos. Em 2023, seu livro “Insensata Frenesia”, publicado pela Editora A Arte da Palavra, marcou um novo momento em sua carreira, convidando os leitores a explorar e racionalizar seus sentimentos sem restrições. No ano seguinte, a republicação do livro numa edição especial ganhou espaço, dando início a uma nova trajetória profissional para o escritor.

E mais uma vez chegava ela com aquela bolsa amarela. Esforço tamanho. Maldita rampa de praça! Para Nina, o jardim era mais longe. Não era feia. Não era indesejável. Era gorda de doer. Era larga como o abraço do vento no pasto. Havia nela a doçura que há em todo gordo e ao mesmo tempo a angústia lhe sobrava nas carnes. Gordura por todo lado. Alguns mangavam, outros comentavam. Ensinararam receitas, contaram exemplos. Tudo debalde. E lá ia remando com todo aquele peso e experiência que a vida lhe deu para carregar sem salário. Quisera carregar apenas o pai alcólatra, mas era carga pouca. Filha mais velha de sete irmãos, única mulher. Tem coisas que só a mulher sabe resolver. Ela não resolvia, mas carregava com toda paciência. Não bastassem as frustrações de olhar no espelho, tinha ainda que emprestar os olhos para a mãe cega por causa do glaucoma. Deformação consentida. Os sonhos de Nina não importavam a ninguém, eu os sei bem. Ela me contou em segredo. Poderia contar sonhos, segredos e segundas-feiras que ela tentou recomeçar. Não deu certo. Tudo incontável como as estrias no seu corpo gordo de pele gasta como elástico de cabelo. Elástica como a generosidade da mãe nas refeições. _Coma minha filha! Você precisa comer bem. Quando era pequena dividia um ovo cozido para dois. _Agora que temos comida, esses filhos da puta querem nos privar dos manjares. Esse negócio de ficar bonita pra homem é mesmo que nada. Quando a traição chega, vem pra gordas e magras, brancas e pretas, santas e impuras. _Vai deixar de comer por causa de piadinhas? Mortos de fome, ratos! Esse era o discurso que Ina mais adorava. Assim ela engolia tudo: a comida, o medo, a dor, a solidão, as bolinações de um tio na infância. Sua barriga era assim: uma bola de carne, como uma cápsula criada para se esconder. _Não se esconda, Marina! Tua tia está aí, não a viste ainda esse ano! Mari já sabia o que ia escutar: _Você ainda está assim com esse corpo? Soube que sua prima emagreceu quinze quilos? Colocou lente azul, peruca dourada. Vai casar. _E você, Marina, casa? É claro que não, criatura. Digna de pena. Digna de infinita compaixão. A sua relação com os homens se resumia aos de casa. Não fazia cursos, terminara o segundo grau e pronto. Suas leituras frequentes eram bulas de remédios, listas de supermercado e a cartilha do catecismo que ela guardou com carinho. Beleza, ela nunca quis ter. Porém, era bela... Um sorriso doce de quem sonha com algo que nunca vai acontecer. Cabelos longos, encaracolados de marrom escuro. E o cheiro? A moça só vivia cheirosa. Cheiro de cremes. Pomadas para assaduras para falar a verdade. Mas ela era bela. Mãos pequenas e macias, unhas limpas lustradas à base. Era assim que Marina se sentia às vezes: transparente e sem graça como base de unha. Não tinha vaidades, não tinha amigos. Convites mesmo, ela só recebeu do homem que vendia picolé na praça onde ela costumava ir, nos fins de tarde. Os convites eram cruéis. Nina tinha medo dele. Ele lembrava seu tio maligno que a atormentava por toda infância. Mas era ela feliz. Assistia novelas para contar a sua mãe. Cantarolava modinhas. Bordava ponto de cruz nas meias dos irmãos. Cozinhas como ninguém. E eu a amava. Nunca havia coragem de me declarar. Ela não ia me querer. Um homem novo e aposentado por invalidez. Que futuro eu poderia dar àquela moça? Só me restava, então, contemplar da janela seu passeio de fim de tarde, de fim da vida: e mais uma vez chegava ela com aquela bolsa amarela.

O menino que pintou o muro novo

Rosângela Trajano

Era uma vez, na agitada cidade de Natal, um menino chamado Pedro. Ele tinha 10 anos, morava em uma pequena casa perto de um mangue bonito com sua mãe, seus irmãos e irmã, e seu melhor amigo que era um vira-lata chamado Biloca. Pedro e Biloca eram inseparáveis, vivendo aventuras pelas ruas movimentadas e vielas escondidas da cidade grande

- Pedro, de onde você vem todo sujo de lama com Biloca?

- A gente estava pegando caranguejos no mangue, mamãe!

- Meu filho, você tem lamas até nos dentes! E o seu cachorro está todo sujo também de lamas!

- Biloca me ajudou a pegar 350 caranguejos! Vou vender para comprar pão e leite pra gente, mamãe!

- Meu filho, você é um anjo! Está faltando comida mesmo em casa! Como você pensou nisso?

- Eu vi a senhora chorando quando saí pra ir à escola ontem pela manhã! E abri o armário. Não tinha nada dentro. A nossa geladeira só tem água. Desde que o papai nos abandonou que vivemos dias difíceis, mas eu não vou deixar a gente morrer de fome!

- Meu filho amado! Você é maravilhoso mesmo! Agora vá tomar banho na casa de dona Marilde porque aqui não temos mais água. Foi cortada hoje!

- E dona Marilde vai permitir que eu tome banho lá?

- Ela nos ofereceu água quando quiséssemos!

- Nossa, dona Marilde, é uma mulher maravilhosa mesmo! Agora vou correndo tomar banho para ir estudar um pouco, pois tenho dever de casa para fazer!

Certo dia, Pedro estava na escola e viu algumas latas de tinta colorida na sala de artes. Ele sempre adorou desenhar e, ao ver aquelas cores vibrantes, teve uma ideia ousada. Depois da aula, ele colocou algumas das tintas em sua mochila, pensando em usá-las em algo especial.

No caminho de volta para casa, Pedro passou por um muro branco e desgastado, bem ao lado de uma pracinha onde ele e Biloca costumavam brincar. “Esse muro está muito triste”, pensou Pedro. “Ele precisa de cor!” O muro tinha sido construído fazia poucos dias e seu dono gastou uma fortuna para levantá-lo. Pedro não sabia, mas aquele muro foram os olhos da cara, como diz o ditado.

O dono do muro gastou pedra, tijolos, cimento, areia grossa, areia fina, tinta e mão de obra. Tudo foi muito caro. Ele pintou o muro de branco pra ficar bem bonito, mas Pedro achou aquilo meio triste e que precisava ficar mais alegre, ganhar vida, sorrir para as manhãs e as tardes de primavera que estava para começar.

Com Biloca ao seu lado, balançando a cauda e observando com curiosidade, Pedro começou a pintar o muro. Ele desenhou um grande sol amarelo sorridente, árvores verdes com folhas dançando no vento, pássaros coloridos voando e até um retrato de Biloca, com as orelhas levantadas e o olhar alegre que só ele tinha.

Enquanto Pedro pintava, algumas pessoas passavam e olhavam, umas curiosas, outras sorrindo. Uma senhora que morava ali perto parou e disse: “Você está deixando o bairro mais bonito, menino. Muito obrigado!” Pedro ficou todo orgulhoso. Ele nunca tinha feito nada que chamasse tanta atenção. Mas, quando menos esperava apareceu uma velhinha de cabelos brancos e toda brava falando

- O que está fazendo com o muro?

- Pintando, senhora!

- O muro é meu! Quem mandou você fazer isso?

- Ninguém! Eu achei que ele precisava ganhar vida!

- Pare já com essa pintura! Meu muro estava branquinho e eu gastei dinheiro com tinta e com o pintor para deixá-lo bem bonito e vem você e risca tudo!

- Eu só quis ajudar, senhora! Quis deixá-lo mais bonito!

A senhora olhou para o rostinho de Pedro e ficou com dó dele segurando o pincel nas mãos e chorando. Então, ela olhou para a pintura e viu que o muro estava ficando bonito mesmo

- Continue a sua pintura, mas deixe tudo bonito!

- Prometo que deixarei! Eu e o meu cachorro Biloca!

- Pois eu vou indo comprar mandioca para minha filha Rosinha que dorme que é uma beleza!

- Eu conheço a Rosinha! E ela vai gostar de ver o muro pintado!

- Rosinha dorme tanto que não vê nada, menino! Até mais!

- Até mais, senhora! Qual é mesmo seu nome?

- Dona Iracema! Mas, pode me chamar de Irá!

- A senhora é a mulher que dá pirulitos pra criançada?

- Acho que sim! Por quê?

- Porque eu soube de uma mulher de cabelos branquinhos muito brava que dá pirulitos aqui no bairro e eu queria saber se a senhora teria um para mim!

- Passe lá em casa mais tarde que lhe darei um pirulito! Depois de pintar o muro completo!

Quando terminou, o muro parecia um sonho transformado em realidade. Mas, ao voltar para casa, Pedro ficou nervoso. E se descobrissem que ele tinha usado as tintas da escola? E se ele tivesse problemas?

No dia seguinte, ao chegar na escola, Pedro foi chamado pela diretora. Ele entrou na sala com Biloca ao seu lado, que sempre o acompanhava em suas caminhadas. “Pedro”, começou a diretora, com uma expressão séria. “Soube o que você fez ontem.”

O coração de Pedro disparou. Ele pensou em mil desculpas, mas antes que pudesse falar, a diretora continuou: “O que você fez no muro foi incrível. Algumas pessoas tiraram fotos e as enviaram para nós. A arte que você fez está espalhando alegria na vizinhança.”

Pedro respirou aliviado, e a diretora sorriu: “A escola decidiu que, se você quiser, pode continuar a usar as tintas, mas com uma condição: você vai ensinar outros alunos a pintar também. Queremos que mais paredes da cidade ganhem vida!”

- Dona Iracema até prometeu dá bolo e pipocas pra criançada que pintar mais muros iguais aos dela!

- Foi mesmo? Dona Iracema é gente legal! Dizem que ela é brava, mas não acho!

- Dona Iracema é só uma senhora que gosta de crianças! Foi ela quem espalhou pra todo o mundo a pintura do muro! Colocou até fotos na Internet e já tem muitas curtidas!

- Foi mesmo? E dona Iracema com quase 80 anos sabe acessar a Internet?

- Além de saber ela tem todas as redes sociais que você imaginar!

- Nossa! Que legal! Dona Iracema é uma senhora moderna! Vou agradecer-lhe por ter permitido pintar o seu muro e divulgar a minha pintura com o mundo todo!

E assim, Pedro, com Biloca sempre ao seu lado, começou a pintar outros muros pela cidade, trazendo cor e alegria a cada lugar que passava. Seu pequeno ato de criatividade acabou transformando o bairro e, quem sabe, até a cidade inteira.

Logo, Pedro aprendeu que, às vezes, uma pequena ideia pode se transformar em algo muito maior, especialmente quando você tem um amigo fiel como Biloca ao seu lado.

Troco

Thais castilho

-Senhora, vou dar seu troco em balinhas. Afirmava a caixa do supermercado sempre que ela ia fazer uma compra.

Sem escolha, passou a guardar as balas recebidas.

No fim de um mês levou de volta as balas em um saco até a caixa e exigiu a troca por um quilo de carne.

Engraçado que a partir daí, para ela, nunca mais faltou troco.

A PRIMEIRA CONVERSÃO

Victor Sousa

A cidade não era a mais bela. Era uma cidade vascular, de entremeio comercial, portuária; crescia junto ao ainda cru comércio aduaneiro que por ali alimentavam as vendas de oferendas aos Deuses e também a carne e ossos.

As ruas cobertas de moscas e sangue ‘pintavam’ a cidade, onde os Vikings se habituavam a conviver diariamente com o odor da morte. Mesmo em seu lar e em um bonito dia de sol, a fossa de sangue sobre o chão não os deixava esquecer de seus instintos mais primitivos. Os transeuntes ali se esbarravam entre si, pois faltava espaço para tanta cabeças vermelhas e loiras. A explosão demográfica jazia a transformar uma já loquaz sociedade de bárbaros em pequeno projeto de guerreiros sedentários. Embora houvesse grande insalubridade em seu recinto, já havia um princípio de organização social.

A rotina da cidadela era enérgica; os vaivéns das cordas e âncoras reversando sobre braços fortes que fixavam-nas em laços sobre o piér na qual os flancos e as naus se provariam perante a fúria do Mjólnir pelas águas; havia os ousados sacrifícios, como a “Águia de Sangue” que enfeitava o meio da vila mostrando a todos o destino dos mais covardes empalhados a céu aberto com seu pulmão respirando em tórax triturados expondo suas “asas” ao sol; os tratados de consultas às Runas e ao Oráculo sacerdotal que salientava exatamente como funciona os Deuses; as muita “puladas de Cercas” de suas Mulheres e os Vikings com suas várias amantes, demonstrando a influência da poligamia na civilização.

Havia também uma grande quantidade de albergados e meretrizes que andavam livremente com as senhoras do lar, as crianças e os velhos. E aventureiros que iam e voltavam para as suas famílias. <<às vezes não voltavam>>. Também jazia os comerciantes, que bradavam: “ Olha o peixe!!” “Olha as vísceras” e “Aqui o óleo de baleia!! O mais barato de toda a Noruega!”

Mas como toda sociedade germina às inevitáveis leis da mudança, não fora diferente ali também. E talvez o sinal mais **incipiente** tenha sido notado primeiramente pelos Deuses.

Sobre a orla havia um jovem loiro que ali padecia em sua fé. Calmo e sereno, ele esperava nas ondas o alimento de seu ser. Embora toda a desordem que ali coexistia, existia nele uma paz que chamava a atenção dos que o viam. Tinha os cabelos lisos e raspado nas laterais, onde escritos rúnicos mostrava-se sobre sua pele branca. Uma cicatriz grande do supercílio direito até o entremeio da narina oposta denotava a ele lembranças de batalhas recentes. Mas ele meditava o silêncio da manhã. Era o único assim. Não tinha mais do que dezesseis e tomava um graveto cuja ponta distanciava dele a desenhar na areia da praia qualquer risco, evocando excessivos pensamentos vinculados ao vazio e a dúvida que pudesse demonstrar ao seu exercício de rascar. Ele parecia talvez esperar por algo ou alguém ...

Mas não custou, logo veio ao seu encontro o mensageiro. O enviado era um homem de cabelo grande cor castanho escuro, rosto quadrado e com barba aparada. Estava sem camisa, mas detinha uma flauta emaranhada como um cinto de novelo que segurava a sua calça... O corpo musculoso não combinava com sua cara amassada, e, de tão maneira súpil, ele chegou falando baixo: “Posso sentar?!”.

- Já está aí. – respondeu o jovem.

Mas ele não sentou e logo acrescentou “Que tortuoso devaneio inquieta você, meu pobre amigo?! Há algo que um simples portador dos Deuses possa fazer para dirimir a dor d’alma cujo posso sentir em suas entranhas mais íntimas?

- Nada. Estou pensando... talvez espe... - ele não terminou a frase.

- Esperando?

- Éh..r ... B..bem... talvez seja isso.

- Não me parece que sabe o que quer.

- Você veio me buscar?! – perguntou franzindo bastante a sobancelha e um leve e reticente incômodo.

- Você quer ser buscado?!

- Ainda não sei – falou o jovem abaixando a cabeça em sinal de lamento.

- Sabe que morreu?

- Sei.

- Como morreu?!

- Você não sabe?! – perguntou o jovem encarando sobre astucioso semblante denotando que “ninguém ali era criança”.

- Jovem! – o visitante se pegou dando risadas -... saber eu sei! Mas ouvir de sua boca traria um sabor mais tocante a esse pobre criado que foi enviado dos cavaleiros do céu. Nossa prosa teria um encanto maior se assim fosse.

- Pois não vejo encanto nenhum em falar além do óbvio – falou de forma cortante.

-Pois continuo alegando, sou um poço de paciência. – Insistiu o enviado.

Ficou em silêncio esperando o visitante misterioso entregar mais pistas de sua vinda, e, ao ver o incomodo do silêncio resolveu calá-lo; calou o silêncio com a pergunta mais ousada do dia: “Você é o Odin?!”.
Chamou Odin como se tivesse falando com a o ferreiro da esquina 7.

Ele gargalhou bastante.

- Não!!! Quem dera se fosse eu. Sou apenas um mensageiro. Um de seus corvos. Mas detenho seus poderes momentaneamente. O que queres?! Mulheres?! Ouro?! Riqueza?!

- Não sei.

- Vejo que tem alguns tesouros guardados consigo. Ele se referiu ao saco de dinheiro no bolso de

sua calça. Um “molho” envolto em corda e bolsas rissacadas em couro animal que armazenava pequenos objetos; patuás, penduricalhos e adornos. Eram objetos que nutriam um valor incontestável ao jovem, pelo que dava para sentir.

- Sabe o que é mais valioso aqui?! – confrontou o jovem.

- Suponho que sim. E isso me deixa triste.

- Por quê?!

- Porque você nos abandonou, de certa forma.

- Você acha?!

- Vamos Ver!

- Ver?! Como?

- Ahh, Jovens místicos desse tempo moderno!! ... Vamos fazer aqui um “furtá” (uma magia rúnica).

Quem sabe decidimos por meio do portal *Turisas* o destino da sua alma moribunda.

-Não, não quero esses... Digo... não quero essas ... – parou

- Essas bobagens?!... – Completou o mais velho – ... Nunca esqueça que podemos ler vosso pensamento!!....

- Que injusto, ler o pensamento dos outros assim!

- Vou até sentar depois dessa! – brincou o guardião se assentando ao chão.

Visivelmente cansado das milhas percorridas, carregando um misto de felicidade em prostrar-se com o interessante garoto e a pequena decepção ao vê-lo que provavelmente renunciaria aos seus, sentia que aquele jovem era alguém por quem valeria a pena lutar pela sua junção a horda dos guerreiros de Odin.

- Desculpa se ofendi então... – dá de ombros enquanto volta a riscar a areia com a acha.

- Você tem sorte que gostei do seu ímpeto.

- Não me preocupo com a sua opinião, mas a do seu chefe. Que... bem... acho que é também o m-... meu.

- O chefe?! – falou gargalhando em altos risos - “...Meu chefe adoraria sua figura tanto como eu. Não se preocupe com isso. Na nossa atual política espreitamos muito mais um desertor corajoso que um fiel falastrão”.

- É ?!

- Sim. Mas esqueça o “gostaria”. Ele “gostou”. Corrijo agora.

- Gostou?! Como assim corrigiu?!

- O nosso mestre, não é?! – deixou claro que o mestre era dos dois – “...Acabei de vê-lo... Ele está

caçando agora. Mas apareceu em meu campo mental, dando um sorriso de canto de boca. Acompanha tudo que falamos ao mesmo tempo que caça e faz suas coisas em sua onipotência e ubiquidade; ele é maravilhoso. E te acha divertido, assim como eu.

- Não sei não, hein?! Você quer dizer que ele não liga se eu escolher não caçar, comer e guerrear com os mais fortes em Valhala para toda a eternidade?! Se caso eu não quiser me juntar?!

- Eu acho que não tenho essa resposta. Uma coisa é certa: você precisa escolher.

- Não sei se posso agora!

- Entendo... Sabe?! ... Tem algo que ainda falta. Você ignorou o pedido anterior sobre mostrar o seu ‘pequeno tesouro’. Mostre-me ele. Mostre esse “algo”! Mostre-me agora jovem, por favor.

Então o jovem ainda hesitante abriu o saco de couro, ainda sobre cuidado em olhar o observar do guardião, com certo medo. Retirou enquanto figurava a reação do seu interlocutor e prostou o conteúdo daquilo; eram todas cruzes de prataria; cruzes cristãs. Objetos de outros materiais. Pequenos santos talhados em madeira.

- Entendi...

- Entendeu?! Como assim?! Eu não entendi o seu entender!!?

- Não importa. O que importa é que chegou a hora... Estás no limiar para decidir.

- Não sei se estou pronto para decidir nada! – falou em alto e bom tom, quase em um mix de medo e coragem.

- Dar-te-ei uma ajudinha. E ele materializou três grandes cornucópias de chifre animal em ordem crescente. Uma com pepitas de ouros e joias e uma taça de sangue que representava os prazeres carnisais, a segunda com quinquilharias cristãs de baixo valor

(madeira, latão, barro) e a terceira era um mar, representando a coragem do Viking de permanecer navegando mesmo após a morte. “Agora Escolha!”.

- Vocês realmente não ligam sobre os desertores de vossas crenças?!

- Dizem as más línguas que não aceitamos que nos desertem; que nos desonrem, ou que nos traiam. É isso que dizem. É isso que falar-te-á um sacerdote se assim você consultar. É assim que também apontará os seus oráculos humanos, ainda tolhidos pelo fracasso que é o animismo da matéria fraca humana que nada sabe e nem se aproxima de um décimo do menor atributo de Odín. Mas eles não sabem o que falam. Mesmo quando se dizem os mais sábios. Se sinta livra para aceitar o que desejas. Nós não agiremos sobre o seu livre arbítrio. Não há vinganças. Punições nem reverso algum. Aceitamos que se encaminhe para o “seu lugar”, desde que busque a sua verdade.

- Então ficarei com a segunda.

- Tudo bem. Sabemos quando perdemos uma batalha. Deixaremos você partir. Admitimos.

E então o guardião bateu as palmas e apareceu um jovem adulto de cabelo grande sobre vestes

brancas e simples. Cor morena quase negra, barba grande e um sorriso de acolhimento. Tomou o jovem e de mãos dadas saíram juntos pelo mar, até desaparecerem.



FLÁVIO REZENDE
FOTOGRAFIA

Crônicas

1.002º UTILIDADE DO BOMBRIL

(Cleusa Piovesan)

Só há três coisas sobre as quais escrevo: as que me encantam, as que me incomodam, e as que me intrigam. E hoje vou falar de uma coisa intrigante. Alguém já chamou no portão de sua casa e lhe pediu um pedaço de Bombril emprestado, às 22:00 h?

Quando bateram fiquei imaginando que quisessem alguma informação, o que me pediriam comida ou água (que não nego a ninguém), mas não, o rapaz, acompanhado da “esposa”, que deveria ter uns 15 anos, pediu se eu tinha um pedaço de Bombril para eles limparem a panela do feijão, que por descuido havia queimado. Foi o pedido mais estranho que já ouvi.

Fui buscar o Bombril, imaginando para que tipo de crime ele poderia ser usado, porque parecia estranho alguém pedir emprestado um pedaço de Bombril, mas considerei a inexperiência da jovem cozinheira e...

Entreguei o Bombril, perguntei onde moravam, e ele me disse que era meu vizinho, no terreno atrás da casa. Nunca os vi, e talvez nem os veja mais.

Intrigada com o estranho pedido, decidi pesquisar na Internet qual seria a utilidade 1.002º do Bombril, e eis que minha imaginação não estava tão desatualizada. Descobri que

“Bombril é utilizado como filtro em cachimbos improvisados para fumar crack. O material metálico do Bombril é capaz de reter as impurezas da substância, permitindo que o usuário inale apenas o vapor da droga”.

É isso: na minha ignorância sobre as formas de uso de substâncias ilícitas, acabei sendo coadjuvante de dois jovens (ou mais) no uso de drogas. Deve ter sido uma noite alucinante, dei um rolo inteiro!

O caso me fez lembrar da lição de moral que li na infância, na fábula «O homem e a cobra», de Monteiro Lobato: «fazei o bem, mas olhai a quem»!

Cleusa Piovesan é Doutoranda em Letras; Mestra em Letras, Graduada em Letras e em Pedagogia; Especialista em Língua e Literatura; poeta, escritora e articulista; organizadora de três livros com alunos, autora de 16 livros, participou de mais de 60 antologias. Associada do Centro de Letras do Paraná (CLP), acadêmica da Academia Brasileira de Letras e Artes Minimalistas (ABLAM), e da Academia Internacional Poetrix (AIP), integra a Confraria Ciranda Poetrix, o Centro de Letras de Francisco Beltrão (CLFB); e da Associação Brasileira de Poetas Spinaístas.



Emecê Garcia é poeta, contista, filósofo, professor formado em Letras, em Filosofia e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRN.

DEUS E O POLICIAL

De repente, sou surpreendido com um policial, ao longe, a me observar.

Estou sentado à mesa de uma lanchonete de Rodoviária. Sou turista e espero ir para outra cidade. Estou ao telefone celular.

Aí, paira na minha fértil imaginação de poeta-filósofo, a seguinte ideia:

- Sim, ele está conversando com alguém! E parece que está a combinar alguma coisa. Ele está disfarçado de escritor, mas é um detetive, com toda certeza: americano do sul.

A garçonete me traz o meu lanche; mini-pizza e suco de laranja. O policial passa por mim e vai para o lado oposto. Percebo que me observa de sosláio, realmente. Está a me perscrutar minuciosamente.

- Caramba! Nessa cidade pequena todo mundo sabe quem é quem; e, certamente, já sabem que eu não sou ninguém; ao menos aqui, para eles. Mas certamente, alguém eu sou.

Bom, não estou nem aí. Afinal, quem não deve, não teme.

- Seráj; Pois, eu só tenho a temer, mesmo sem dever; sou verdadeiro alienígena, por aqui! Em cidade de alemães, nas próprias terras Brasilis!

Degusto o meu lanche e tomo o meu suco; e desço do primeiro andar.

No térreo fica o embarque do meu destino. Meio dia e dez. Cheguei bem na hora. Entrego a minha passagem. O motorista faz a checagem e pede para que eu preencha com o meu nome e minha identidade.

- Estranho. Ontem viajei pela mesma empresa e não foi preciso esse protocolo todo! – digo pros meus botões.

Estou sem bagagem, apenas acompanhado de um livro de contos do conterrâneo, Edilson Pinto. Sento-me na poltrona, 23, janela; a de número 24, do corredor, está ocupada por uma jovem.

No dia anterior, teci elogios imaginários pela presteza e qualidade dos serviços da empresa de ônibus. Hoje, vejo que me equivoquei.

O passageiro da minha frente procura a sua poltrona e pro seu azar, ela já está ocupada, por uma jovem. Um erro de bilheteria. Passagem duplicada.

De repente, outra surpresa, a jovem ao meu lado, percebe que a minha passagem não é para aquele destino, pois o ônibus seria outro; o da plataforma 12 e não da 11, a qual, a informante, do boca de ferro, havia comunicado. E para piorar, o bendito do ônibus, do meu destino, já havia saído. Então pensei:

- Foi aquele policial. Aí, tem coisa!

Mas como já disse: - Quem não deve, não teme.

Fui questionar o erro com o motorista, que havia checado a minha passagem. E com a praticidade de quem foi orientado, utilizou-se das mil desculpas e gentilezas de quem dá um

soco na cara do outro e acredita que está resolvido o problema; ou, aquele tipo de quem pede desculpa ao morto: ressuscita-o.

Certamente, é o que todo cínico faz; e ninguém pode dizer nada. Foi o meu caso.

A solução realmente traçada, entre eles, já estava policialmente decidida; devolver o dinheiro da passagem! E a minha viagem necas!

Mas sugeriram que eu poderia esperar pelo próximo horário, duas horas após. Isso estava fora de cogitação, para mim.

Mas, como nem sempre as coisas são como são; ou como querem ser que sejam; eu decido tomar outro destino, já que estava a turistar mesmo, por ali.

Comprei passagem, noutra empresa, e para outro destino; vinte minutos após o imbróglio...

Sendo turista, todos os destinos eram meu destino; e saí sem tino. Será? Descobri, que Deus faz realmente, o nosso destino. Pois, o destino que havia tomado era o mesmo caminho do destino anterior.

Então, sabiamente, sem saber que era sábio; porque a consciência divina sempre age na gente (mesmo sem a gente saber); quão logo, cheguei à rodoviária do novo destino; o ônibus que iria para o meu desejado destino, de outrora; estava atrasado e eu chegara primeiro.

- Será que era a me esperar(?)...

Por isso, quem não deve, não teme!

Mas, para o policial, ele cumpriu o seu dever. Não queria mesmo que eu viajasse naquele bendito ônibus...

E, Deus, também não!

DO LIVRO AINDA INÉDITO: LIÇÕES PELO PARADOXO DE EMECÊ GARCIA

PRESENÇAS AUSENTES

Fátima Petrazzini Grubler

Asala respira uma energia silenciosa, quase estática. Mundos paralelos se formam ali, entre pessoas que estão no mesmo espaço, mas habitam lugares diferentes. As cadeiras, enfileiradas em um ambiente branco e impessoal, que cria contraste com o turbilhão de pensamentos que cada um traz consigo e se aquieta. O professor está à frente, firme, determinado a educar. Ele projeta o conteúdo com entusiasmo, plantando as sementes, como se tentasse fazer germinar em cada estudante.

Entro discretamente e escolho o fundo da sala. As paredes frias às minhas costas me oferecem um pequeno conforto. Alguns colegas estão ao meu lado, amigos de classe e da lida universitária. Tiro da mochila o caderno e deslizo os dedos pelo estojo até encontrar a caneta, preparando-me para mais uma aula: Políticas Educacionais. O tema é profundo, relevante, mas a atmosfera parece embotada, sufocada pela obrigação de estar ali e receber a frequência almejada.

O professor fala sobre o neoliberalismo, os investimentos e o nosso papel como cidadãos para atuar na engrenagem econômica e ser menos massacrados pelo mercado. Somos partes de um sistema que precisa ser compreendido ou seremos descartados. Sinto a esperança que ao juntar o dinheiro, trabalho árduo do mês, o rendimento se aplique de outras formas e seja mais rentável que a poupança.

Em meio a isso há uma desconexão, um vazio entre a urgência do tema e a apatia que paira na sala. Do outro lado da sala, uma estudante concentra-se tão avidamente ao celular que penso que deve estar a procurar uma proposta de investimento... ou rindo de um meme novo sobre gatos.

Cada grupo se prepara para apresentar seus trabalhos. Nomes de investimentos, CDI, CDB, Fundo Imobiliário, CRI, CRA, propostas de mudança social deslizam pelos ouvidos da turma, mas não parecem encontrar terreno fértil. A sala parece pulsar não com energia, mas com desinteresse. Há uma indiferença no ar, um abismo entre o conteúdo e aqueles que deveriam absorvê-lo. Os olhos, fixos nas telas dos celulares e *notebooks* no outro universo, ávido em conversas, em conteúdos digitais, trabalhos atrasados, na fuga da sala, estão somente com o corpo presente, a mente, como uma nuvem a deslizar-se para longe.

A educação, que deveria ser libertadora, transformadora, encontra barreiras invisíveis,

erguidas pela falta de conexão com a realidade. O compromisso está lá, no papel, mas o interesse não atravessa a superfície. O cansaço me deixa com sono, luto contra ele e continuo a prestar atenção, ao mesmo tempo me angustio ao olhar a cena. À minha esquerda, vejo meu colega, solto uma pequena risada ao olhar para ele, percebendo que somos os únicos a estar de fato ali.

A falta de respeito emerge, como uma erva daninha que cresce silenciosa, o ouvido pode até escutar o que está sendo dito, mas a mente não processa as informações. Sons não silenciados pelo celular e a relação íntima e preciosa com esse bem material. O dedo desliza-se apressado enquanto a concentração é sugada, drenada por esse comportamento inconsciente. Há algo quebrado na estrutura daquela sala, algo que vai além da pintura branca ou do quadro de vidro. É a falta de diálogo entre o saber e o querer saber, entre o ensinar e o aprender.

Saio da sala com a sensação de que algo foi perdido, não apenas por mim, mas por todos nós. O conhecimento estava ali, oferecido, mas poucos se dispuseram a colhê-lo.

Fátima Petrazzini Grubler (10/12/2004) reside em Planalto/PR. Filha de Cleci Petrazzini Grubler e Claudiomiro Weschenfelder Grubler, é estudante da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) no Curso de Letras: Português e Espanhol, e estagiária numa escola em Planalto/PR. Colunista da página Hemera do Jornal Opinião de Francisco Beltrão/PR; participou de três antologias da Nova Forma Poética Spina: “De mãos dadas” (2021); “Metamorfose Poética” (2022); “SPINA: a nova poesia brasileira” (2024) e da antologia “Pratas da Casa” em homenagem aos 25 anos do Centro de Letras de Francisco Beltrão.



FLÁVIO
REZENDE
NEW YORK PHOTO TOUR 2024

Ensaaios

A POESIA SOCIAL EM SPINAS BEM CONTRUÍDOS PELA JOVEM POETA PARANAENSE FÁTIMA PETRAZZINI GLÜBER

PIOVESAN, Cleusa¹

Para iniciar esta análise do Colar de Spinas vou falar da temática escolhida por Fátima Petrazini Glüber, que é de uma atualidade, de uma reflexão incomum aos adolescentes, e Fátima nos traz uma abordagem percorrendo por suas ideologias, e explicitando sua consciência cidadã em relação à responsabilidade que os governantes deveriam ter para com o povo, que lhes deu o poder de que estão investidos, mas, do qual se apropriam em favor próprio, brincando com a confiança de quem os elegeu, manipulando-o, em verdadeiros “jogos de poder”.

Ao optar por analisar a crise política e social pela qual o Brasil passou durante o governo Bolsonaro, de 2018 a 2022, agravada pela pandemia da Covid-19, Fátima expõe toda a sua subjetividade e inquietamento com os fatos que observa. Extrair poesia de uma situação tão calamitosa revela que, apesar de ser tão jovem, Fátima possui um conhecimento sobre a estrutura política e uma formação humanitária capaz de contestar o contexto histórico em que vive, e revelar em versos um tanto ácidos, ao estilo de Gregório de Matos, que também denunciou a crise política e a corrupção de sua época. Como afirma Antonio Candido² (2004),
o que importa no estudo da literatura é o que o próprio texto exprime, e a tarefa do crítico é a de “averiguar até que ponto [fatores externos] interferiram na elaboração do conteúdo humano da obra, dotado de uma realidade própria”, pois inventa uma vida nova através da organização formal do texto (Candido, 2004, p 36).

Assim, como ensaísta, comprometida com a análise da relação entre a expressão do eu lírico e o contexto social de produção da obra, constato que o que instiga a autora a fazer uma abordagem crítica à política é sua insatisfação com o rumo que as ações do governo tomaram e como impactaram na população brasileira, diante de uma situação atípica como foi a pandemia de Covid-19.

Em nenhum dos Spinas há a preocupação com o comedimento das palavras, porque Fátima, por meio do eu lírico, adentra o universo da política, revelando, de forma clara e objetiva, o quanto um mau governo pode ser maléfico a toda uma população, inclusive aos que os apoiaram, uma vez que um desgoverno atinge não apenas aqueles que não confiaram nele nas urnas.

Sendo o Spina um poema de regras fixas e de difícil elaboração, por conta da exigência de recursos de coesão e coerência, com a subtração de algumas conjunções, eu uso correto da pontuação, o que exige do poeta amplo conhecimento de linguagem, principalmente das normas gramaticais. Fátima, sendo graduanda do curso de Letras na Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), demonstra este domínio e agrega as suas composições um amplo conhecimento de vocabulário, o qual utiliza magistralmente na organização das rimas.

Ao centrarmos a análise deste estudo sobre o Colar de Spinas, composto em 2021, publicado na Revista *Barbante*³ (2022, p. 226-228), que aborda a caótica situação política do Brasil, comandada por um governo

1 Mestra em Letras, pelo Programa ProfLetras, da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) (2020); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: cleusapiovesan@hotmail.com

2 CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: ____ Vários escritos. 4º Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

3 Revista *Barbante*, VOL. X - Nº 48, ISSN 2238-1414 - 30 de setembro de 2022.

de direita, que favoreceu aos seus correligionários e apoiadores de campanha deixando o povo a mercê dos desmandos e da imprudência de ações que não se constituíram em benefícios a toda a população, temos consciência de que expor na poesia aspectos da política que não condizem com o que a Constituição de 1988 estipula, é tarefa mor de qualquer poeta consciente da função da literatura. Candido (2004) também afirma que

a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar (Candido, 2004, p. 54).

A poeta contextualiza um momento que impactou, diretamente, na vida de uma população toda, inclusive, colocando-a em risco, uma vez que induzir a negação à ciência é um ato criminoso e, considerando-se que o próprio presidente, vacinado contra a Covid-19, negava e instigava a população a não se vacinar, com sua fala debochada: “É apenas uma gripezinha!”. Fátima questiona o poder de manipulação em um momento e em um lugar determinado; o cargo de um governante, que pode prejudicar muitos com sua má conduta.

Neste colar de Spinas, predomina a crítica social, porém, a autora, apesar de não empregar muita poeticidade, haja vista a temática apresenta situações nada poéticas com as quais ela se indigna e expõe sua revolta em cada verso. Fátima prima pela construção dos Spinas por meio de outros recursos poéticos como a ambiguidade e a intertextualidade, como se pode perceber no poema, já publicado na Revista Barbante em 2022.

JOGOS DE PODER (Fátima Petrazzini Grübler)

01.

*Profanam a cidadania,
Nascida das amarguras;
Escolas são sucateadas.*

*Incerteza, poucos direitos da nação.
Família da ganância exerce domínio
No lugar, povo sangra. Culminadas,
Vidas sucumbem... por direito social,
São feras, atacam presas desejadas!*

02.

*Direito ao voto.
À escolha: livre,
Dever de cidadão!*

*A dualidade brasileira omite as
Mazelas do país; futuro incerto.
Nega-se a verdade à população,
Em detrimento ao ego possuído;
No poder vidas caras; desilusão!*

03.

*Verdade é questionada,
Hierarquia; tão suprema.
“Nós”... curta esperança.*

*Sem teto, sem comida. Procura-se,
Bom coração que alimente angústia.
Desespero da rua invade confiança,
Gritam... famílias sem voz, anônimas,
Enquanto poucos lucram na liderança.*

04.

*Invade pelo coração
Estratégia de golpe;
Um político cordial...*

*Ação sem sentimentos, sem princípios
Constitucionais, são alvo de trivialidade,
Privilégio, demandas à colega especial.
Relaciona recurso público com privado,
Utilizam sem moderação; tudo oficial!*

05.

*Recurso é escasso.
Massa é lutadora...
Constrói a nação.*

*De domingo a domingo, suores
Correm nas veias, sucumbem à
vida sem conforto, sem coesão.
A corte nega compaixão, rasga
Com afinco; mares de corrupção.*

06.

*Corrupção sem fim,
Jogos, vis falácias...
Em falsos passos...*

*Como é prestigiada a retórica,
Enganando a todos...sem dó,
Nas luzes se acham. Escassos,
Expõem id, fazem as lavagens,
Às escuras agem: são devassos!*

07.

*Escuras como graxa,
Que penetram almas;
Sabotam a armadilha.*

*A população está cansada das
Mentiras, falta de exemplos. O
Escape se instaura nessa trilha:
Salvação em mãos coletivas de
Saber; ferve agulha na guerrilha!*

08.

*Escape por igualdades,
Surge sonho: progresso!*

As bandeiras flanam...

*Movimento popular quebra as barreiras;
Regime indigno de coesão, vergonhoso!
Brasas são cinzas: expressões enganam
Educação aprimora a revolução, contesta
Em mentes inquietas, vivências profanam!*

Fátima escolheu a primeira opção de rima para compor o colar: no terceiro sexto e oitavo versos, e demonstra total domínio na escrita desta nova forma poética, o Spina. A escolha vocabular também é primorosa uma vez que a poeta discorre sobre a temática escolhida dando ênfase as situações vivenciadas pela população promovidas pelo abuso de poder dos governantes os quais ela chama de feras uma metáfora tanto da perseguição por parte de alguns políticos quanto pela predação dos direitos civis do povo.

A acidez das palavras de Fátima demonstra toda sua consciência social, incomum em jovens poetas. Ao contextualizar as questões sociais e associá-las às ações do governo, a poeta expõe todo um panorama que tentou ser ocultado no “passar da boiada”. Como afirma Adorno⁴ (2003, p. 67), “conceitos sociais não devem ser trazidos de fora às composições líricas, mas sim devem surgir da rigorosa intuição delas mesmas”. Assim, o eu lírico, impregnado das opiniões da poeta, tem o poder da denúncia social, inerente à literatura contemporânea.

Ela ainda se utiliza do embanjament ao fazer a ligação entre alguns versos, um dos recursos que a regra do Spina permite para que o poema tem a ritmo e musicalidade. Apenas no sexto Spina é que Fátima não usa o recurso do embanjament. Essa técnica demonstra que a poeta teve zelo na elaboração dos Spinas e escolheu por uma estética que representa o contexto social que está sendo representado em sua poética: um entrelaçamento de desmandos e de corrupção que impactaram em um entrelaçamento de problemas sociais, enredados nos velos de negociações dos “gatunos” que estão saqueando os cofres públicos, sem escrúpulos nem senso humanitário, haja vista a indução à negação da ciência, durante a pandemia.

No segundo Spina do colar, Fátima tenha precisão vocabular relativa a temática, dando maior ênfase as mazelas que o Brasil enfrenta, por estar à mercê de um desgoverno que exerce o poder em favor próprio, inclusive, promovendo o nepotismo. O eu lírico reitera a exaltação do ego dos governantes e questiona a dualidade entre direito ao voto e o poder, não confiável que determina um «futuro incerto» para o país, uma vez que Bolsonaro questionava a confiabilidade da urna eletrônica.

No terceiro Spina do colar, Fátima questiona A hierarquia suprema dos poderes constituídos, enquanto o povo sofre à mercê da ganância e quem está no poder, e apenas lhe resta uma “curta esperança”. Aqui podemos perceber como a poeta usa da linguagem figurada para expressar sua indignação com a situação da população mais pobre que, comprovadamente, é a que mais sofre se não há comprometimento do governo com a implantação de ações sociais. Para Candido⁵ (2000),

todos os elementos que compõem as figuras de linguagem são passíveis de expressividade poética, que depende da organização dada pelo poeta ao seu conjunto, formando um sistema, que é o poema. E na base está a força expressiva e criadora a

4 ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico).

5 CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 8ª ed., São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000. p. 13. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

que chamamos inspiração (Candido, p. 98, 2000).

No quarto Spina do colar Fátima faz alusão a tentativa de golpe militar promovida pelo então Presidente da República, Jair Bolsonaro, favorável a esse sistema de governo opressor. Ao contestar a “estratégia” proposta por ele, em versos que demarcam sua posição política, Fátima demonstra, por meio do eu lírico, ter consciência do perigo que é o poder público usado “sem moderação” e sem de juízo sobre moral ou ética muito menos sobre direitos humanos que, como todos já constataram, foram colhidos a população, durante o período da Ditadura Militar com o golpe em 1964, tendo fim em 1988, quando se promulgou a nova Constituição Federal.

Se intencionalmente ou não, Fátima acaba fazendo um retrospecto de o que foi o governo de Jair Bolsonaro. No quinto poema esquina, ela vislumbra a esperança de o povo reconstruir a nação, mas logo tem a consciência de que seria quase impossível, diante do “mar de corrupção” invadiu várias instâncias do governo e ameaça afogar as esperanças.

No sexto Spina do colar, Fátima continua a insistir na questão da corrupção que, com seu “jogo de retórica” dá as cartas em uma rodada negociatas às escuras, as quais prejudicam os programas de assistência social, inclusive o acesso à Educação, considerada fator de menor valor por uma ideologia de governo que primava pela alienação da população. É expresso pelo eu lírico, a consciência política da poeta, e a percepção do *marketing* governamental, que se utilizou de *fake news*, com muita frequência, para atender a seus interesses, escusos, os quais vieram à tona, quando foi destituído do cargo.

A ideia de jogos de poder proposta pelo título do colar é bem desenvolvida neste sexto Spina, e demonstra que a poeta acompanha o desenrolar dos acontecimentos, mostrando-se uma autora de seu tempo, cujos problemas sociais não são ocultados debaixo do tapete, mas postos a luz da razão, e expostos ao público para que também se conscientize do atraso que um governo pode promover durante os quatro anos de poder instituído.

No sétimo Spina do colar, Fátima da voz a população, “cansada das mentiras” à procura de uma saída que só poderá ser possível por meio do voto consciente para sair da armadilha em que foi presa por uma campanha eleitoral permeada de *fake news*, as quais se perpetuaram durante o mandato de Bolsonaro. Para Candido (2000, p 56), “a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação”. A poeta insere-se no universo político e desvela situações que tentaram ser mascaradas por um *marketing* politiquero que não conseguiu evitar que o povo “virasse o jogo” e instituisse a democracia de direito no Brasil, por meio do resultado das urnas.

No oitavo poema Spina, Fátima vislumbra a possibilidade de um sonho de progresso se consolidar por meio de movimento popular que “quebra as barreiras” e conclui que a saída é por meio da Educação a qual foi relegada a um plano menor, retirando o acesso da população aos programas de entrada na universidade. A poeta usa a simbologia metafórica e, literalmente, quebra com o discurso demagógico usado pelo governo, que cortou as verbas do Prouni e as bolsas de pesquisas das universidades, porque, claro, a um governo que se apropria do poder para se beneficiar e se manter, não interessa que o povo adquira conhecimentos. Como afirma Candido⁶ (2000, p 96), “a importância do valor simbólico da palavra é um dos postulados da psicologia moderna, mostrando que a palavra é não apenas signo arbitrário (como ensina a linguística), mas invólucro simbólico de um sentido que radica em camadas profundas do espírito”. Fátima faz a conexão necessária ente o símbolo e o contexto social para levar o leitor a refletir sobre questões que interferem, diretamente, em sua

6 CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 8ª ed., São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000. p. 13. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

vida

Ser poeta não é contemplar o mundo em uma redoma idílica, é observar os fatos sociais, ter opinião formada sobre eles e determinar suas próprias ideologias, posicionando-se contra tudo o que não seja humanitário, porque não basta compor belos versos se estes não despertam reflexões e não impactam em mudanças de atitude. Como já disse Lia Luft “pensar é transgredir”. E essa transgressão é necessária para que, por meio da poesia e, no caso, por meio do engajamento de Fátima com denúncia sobre as mazelas de seu tempo.

Atualmente, ela publica em duas colunas semanais de jornais de circulação *on-line*, de Francisco Beltrão, cidade do interior do Paraná. A coluna Hemera, e outro espaço destinado à literatura, ambos no Jornal Opinião, têm sido palco para que Fátima exponha suas produções, permeadas de reflexões e questionamentos, não apenas do gênero poético Spina, mas em poemas de métrica livre, ao estilo modernista, e conquistou seu espaço na literatura da região Sudoeste do Paraná.

Pode-se dizer que Fátima desponta no cenário da literatura nacional como uma jovem promessa, com textos que apresentam alguma criticidade aliada ao engenho na arte da palavra, e fazem com que o leitor reflita sobre a temática apresentada e associe-a a seu próprio pensar sobre o mundo.



Foto: Jornal “O Mossoroense”

A casa de Quincas Saldanha nos arredores de Caraúbas

Por Márcio de Lima Dantas

Joaquim Silva Saldanha nasceu em 11 de dezembro de 1872, faleceu em 14 de junho de 1936, na cidade de Caraúbas. Era Coronel da Guarda Nacional, latifundiário de terras no Rio Grande do Norte e Paraíba. Essa titulação, menos remetia a se considerar como um quadro de uma instituição nacional, e mais como espécie de título encomiástico que imprimia a quem houvesse tê-lo, poder e valor, visto está quase sempre atrelado a personagens da região Nordeste caracterizados pela posse de grandes datas de terras e ao criatório de animais adaptados à região do Semiárido. O Coronelismo foi uma instituição extremamente importante na gramática do teatro social, desde sempre das gentes habitantes sertões adentro. Foi casado com uma prima, a Sra. Joaquina Veras Saldanha, tendo gerado dez filhos. Passou e residir na casa dos arredores de Caraúbas em 1920.

Vinculado ao patriarcado das gentes nordestinas, administrava suas propriedades rurais como um legítimo senhor de terras e gentes. Residiu por muito tempo em duas suas fazendas: Fazenda Aldeia e Fazenda Amazonas, sendo que nessa época estavam localizadas no município de Brejo do Cruz. Na época, a aristocracia agrária se confundia com a política. Em assim sendo, participou da Revolução de 30 como um dos chefes no Rio Grande do Norte, filiado ao Partido Nacional Socialista. Era conhecido pela alcunha de “Gato Vermelho” (Informações acima podemos encontrar no livro *A história continua... Saldanha & Veras*, de Francisco Galbi

Saldanha, Natal: Fundação Vingt-un Rosado, 2021)

Saindo da região Assu/Mossoró, com destino à região Sertão do Apodi, adentrando pelas quentes terras que caracterizam as condições climatológicas oriundas das bodas entre um sol inclemente e da ausência de chuvas, sobretudo quando assoma a estação seca, eis que podemos encontrar a cidade de Caraúbas. Pouco antes de chegar à zona urbana, do lado esquerdo, ergue-se uma casa que quase obriga os passantes nos automóveis a contemplar. É o que ficou conhecida como a “Casa de Quincas Saldanha”.

A casa parece refletir a personalidade do seu proprietário. Os traços arquitetônicos são inequívocos ao primar pela ordem, equilíbrio e sobriedade, lançando para distritos outros que abriga o emotivo, sentimentos de arrebatamento do espírito ou os chamados pulsares que ficou conhecido como coisas do coração. A própria cobertura de telhas, com sua água anterior declinando para a fachada sugere ao visitante que se achega à casa firmar seu contato primeiro com a residência. Não há como negar, um monumento erguido não somente pela sua funcionalidade de habitar e servir de abrigo, mas ergue-se discreta simplicidade de linhas retas, como objeto estético a ser contemplado e fruído.

Com efeito, essa fachada, ausente de porta de entrada, ergue-se a partir de uma cumeeira que cai em duas águas. Ao invés do que tradicionalmente consta na arquitetura dita clássica, visto que as duas águas mestras encontram-se no cume do telhado, conformando um triângulo retângulo cujo pico do telhado é o encontro das duas águas, aqui é diferente, remetendo muito mais as casas construídas em regiões quentes. A altura possibilita a entrada e a circulação do vento, refrescando o interior da casa. A porta de entrada localiza-se do lado direito, onde há um oitão largo e longo, separando essa casa da residência do que parece ser a de um morador.

Retornemos à fachada principal. Há uma platibanda de pouca altura, se considerarmos uma linha que sobrepõe todo um retângulo circunscrevendo as duas faces exatamente iguais, quer dizer, podemos riscar uma linha cortando a fachada ao meio: teremos duas janelas de cada lado, dentre outros elementos ornamentais, também com presença bilateral, provocando uma suave harmonia no espírito de quem avista a casa pela primeira vez.

Dessarte, a platibanda com essa compleição, deixando nu o telhado que cai para a fachada principal, não consegue esconder o que ficou conhecido como sua função. A saber, disfarçar ou esconder o que recobre uma casa. Talvez essa obrigação de obliterar o telhado ou elementos da cumeeira, como madeira mais espessas ou caibros, esteja relacionado às residências urbanas, de cidades pequenas ou não, no qual a aparência deve ser algo valorizado.

Há quatro janelas, cuja porta de entrada do lado direito permitiu que se organizassem os elementos acima citados. Toda estrutura e repartição em cômodos remete à arquitetura das casas sertanejas, apenas a fachada refoge, evocando em sua compleição as casas urbanas, embora esta detenha um requinte estilístico que a faz conter em seu conjunto uma planta que diz respeito a determinadas tradições estéticas dos estilos históricos que podemos, sem muito esforço, encontrar os traços.

Isso posto, ainda temos a levar em consideração formas que persistem na História da Arte desde sempre, emergindo de vez em quando, consoante a necessidade ou demandas de condições históricas relacionadas a povos ou países. Eis o caso do Barroco. Alguns pesquisadores apontam as especificidades do cone semântico nos quais determinados elementos integrantes das edificações do século XVII.

Isso não quer dizer que essa escansão seja rígida, como se ao findar determinado Ar do Tempo, imediatamente encerrassem as formas de sentir e agir de grupos sociais.

Essa digressão nos permite compreender e classificar o estilo da casa de Quincas Saldanha como caudatária do que ficou conhecido como estilo Clássico, sendo que nesta todo o vocabulário de elementos manuseados encontram-se estilizados ou são paráfrases, ou seja, não iremos encontrar o glossário de referente aos elementos integrantes das edificações grecolatinas. Contudo, um expectador mais atento encontrará os princípios que regem a arquitetura dessa tradição que sempre acompanhou a História da Arte ocidental.

Faz-se necessário remarcar a compleição da fachada. Apenas as quatro janelas detêm um caráter funcional, na medida em que servem para deixar a luz iluminar o interior dos cômodos, bem como permitir a circulação do vento, refrescando e funcionando como “limpador” das energias paradas do interior da casa.

Podemos observar uma série de elementos em autorelevo. Foi o que insistimos em nominar de estilização ou paráfrase. Cinco colunas quadráticas perfilam toda a fachada, tanto nos extremos direito e esquerdo quanto como adereços separadores das janelas. As duas janelas centrais são encimadas por espécies de frontões mais elevados do que o retângulo horizontal observado na totalidade da fachada. São puramente decorativos, sendo que destoam um tanto do conjunto, pois aparece e predomina a linha curva, sem ostentação ou extravagância. Ao que parece, imprime uma certa solenidade para visitantes, antes de chegar na calçada da herdade, sendo o que arremata todo o conjunto a existência de dois triângulos, com volutas voltadas para baixo. Há que remarcar o adorno presente em todas as estilizações das cinco colunas: conchas superpostas, encerrando lá em cima o ataviamento da platibanda.

Por certo, foi para compor uma harmonia, tendo em vista o aparecimento da linha curva, e sua reverberação, que puseram dois círculos no meio e em cada lado, uma redução em linhas gerais de uma flor, como soi acontecer em toda a História da Arte no Ocidente, no qual foi presença marcante no estilo Gótico. Sintomático que apareça justo nos dois lados da linha que separa a fachada em duas faces exatamente iguais. Essa forma da rosácea sempre foi manuseada no âmbito das edificações para serem usadas como janelas e filtrarem a luz para o interior da construção. No nosso caso, os dois círculos com traços evocadores de uma rosa no seu interior, ou seja, a metonímia da parte pelo todo, visto não existir pétalas, mas riscos que emanam do centro, parecem sugerir insígnias invocadoras de uma geometria relacionada ao sacro, pois desde sempre as tradições religiosas relacionaram o círculo como totalidade, simbolizando Deus.

De fato, consciente ou inconscientemente, organizou-se na fachada representante da moradia do Coronel Quincas Saldanha simplificações geométricas de formas que atentamente observadas podemos encontrar uma confluência de símbolos que reforçam o lugar social do seu morador. No caso dos círculos, eis a representação e presença do divino. O deus aqui presente é o relacionado às tradições da Igreja Católica, desde muito dominantes nesses sertões interior a dentro. Cúmplices e justificadoras de uma microfísica do poder, imperando por meio de alianças cujo Deus legitimava a ideologia do Patriarcado Rural.

Por fim, destacaremos a casa de morador do lado direito, edificada com extrema simplicidade. As duas águas seguem o paradigma das casas oriundas dos sertões: pé direito sempre alto, abrindo espaço interno para a ventilação, haja vista o clima tendo dias longos e quentes, esse artifício permite um tanto de conforto. Há uma porta e uma janela, na sua fachada nua, desprovida de qualquer ornamentação, quer dizer, tudo é funcional, mesmo a calçada um tanto alta, para nivelar o sítio onde está a casa.

Outra coisa é a parede circundante do curral, a qual foi construída em alvenaria, dividida meio a meio. A parte inferior é maciça, já a parte superior tem uma alternância de colunas separadas

por espécies de ripas de concreto, em número de três. E assim segue o mesmo padrão, sendo que apenas na linha onde se encontra a porteira prevalece. Essa corporatura, provavelmente, não é muito comum nos currais das casas de moradores mais modestos ou mesmo detentor de vastas propriedades.

Para encerrar, se faz necessário proclamar a beleza da Casa de Quincas Saldanha, chantada nos ermos das terras agrestes do Semiárido. Sua simplificação geométrica nas formas expressa uma disposição de espírito inerente, quase sempre, aos que nascem sertões afora, voltados para rotinas vinculadas a um escandir do tempo preocupados com as duas estações: a seca e a chuvosa. Quando a seca se estende por muitos meses ou anos, há que buscar artifícios de sobrevivência, mesmo para pessoas abastadas, como é o caso do proprietário dessa herdade.

Por fim, gostaria de registrar uma informação acerca de Quincas Saldanha, o seu neto Joaquim da Silva Saldanha Neto (31.05.1937 – 28.07.1979), filho do Sr. Benedito Veras Saldanha (Beni Saldanha) e da Sra. Helena Saldanha, médico formado no Recife, sendo que faleceu no Rio de Janeiro. Beny era filho de Quincas Saldanha. Casou-se com a Sra. Isaura Amélia de Sousa Rosado Maia (*09.10.1947), em 09 de outubro de 1969, filha de Dix-Sept Rosado e Adalgisa Rosado. Esse médico exerceu a profissão em Mossoró, conhecido como gentil e generoso, querido pelos mais humildes, nunca recusando atender qualquer pessoa. Era agropecuarista de região de Campo Grande (RN) e Belém do Brejo do Cruz (PB).



FLÁVIO REZENDE
FOTOGRAFIA



Poemas

Bicho do Mato

Poeta Adailton

Sou bicho do mato
Moro sozinho
Meu português é ruim
Se você gostar de mim
Prometo te dar muito carinho
Moro em uma cabana
não tenho grana
Não sou doutor
Não tive formação
Meu jaleco é um gibão
Sou bicho do mato
Moro sozinho
Meu português é ruim
Se você gostar de mim
Prometo te dar muito carinho
Não estudei
Faltei á escola
Tenho um cavalo, uma sela e um par de espora
Cozinho num fogão á lenha
Bebo água em uma cabaça
Fazer você feliz mais do que eu não tem quem faça.

VORAGEM

Espectáculo dantesco

Em palco de horror.

Ardem os esforços

Aos olhos inchados,

Avermelhados

Incendiados de dor.

Perplexos de espanto

Lavados em pranto.

Crepita no peito

Uma dor abrasadora

Pela perda incompreendida

Dos esforços de uma vida.

Lares desfeitos

Verde em cinzas

Serão memórias

Que se revolverão

Arrastadas

Pela voragem do tempo.

Os sentidos aturdidos

Perdidos da bonança.

Do nada é preciso recomeçar...

© Antero Jerónimo

(Castro Daire, 2024)

**

MÃE, PROMETO LEMBRAR-TE... SEMPRE

Arrumas os meus dias
quando o coração chora
no peito desordenado pela saudade
Pronunciaste com incontida emoção
todas as letras do meu princípio
conjugando o verbo amar infinitamente
corpo do belo poema que carregavas em ti
Foste colo onde abri meus olhos
tentando decifrar os mistérios do mundo
berço que aquietou os meus receios
embalo onde cresceram asas aos sonhos de menino
Hoje deposito uma rosa branca sobre o teu nome
saboreando o sal das minhas lágrimas
sabendo que também existe alegria na dor
uma saudade dorida onde apenas cabe a magnitude do amor.

© Antero Jerónimo

Texto que está incluído no meu livro «Na Pele do Sentir», a lançar no dia 19 de outubro de 2024.

Sacode as mágoas das vestes
Arranca os espinhos do peito
Nesse peito que se insufla rarefeito
Desesperando por alento
Quando tudo parece desabar
És um viajante na estrada

Carregas nas costas a coragem
Dos que sabem trilhar seu caminho
Um guerreiro a iluminar
Os que em ti se sabem abraçar
Ama-te em sentimento primeiro
Sorri à imagem que de ti reflete
És capitão do teu destino
Esse é o maior tesouro
O segredo que terás que desvendar
Ama-te inteiro e em verdade
Nada menos que isso
Não te conformes com a metade
Verás toda a força que em ti transportas
Guerreiro de luz predestinado a amar.

© Antero Jerónimo

Um dos textos incluído em «Na Pele do Sentir», a lançar em outubro de 2024.

Antero Maria Jerónimo, nasceu em Abrantes (Portugal) em 1962. Foi militar de carreira e atualmente está na situação de Reserva.

Tem uma página de autor no FB “Na Pele do Sentir”, com cerca de 1200 seguidores, onde publica a maioria dos seus trabalhos literários.

É autor do programa “Ligados à Poesia”, emitido quinzenalmente às terças feiras (21h00), na webrádio “RLX – Rádio Lisboa”.

Editou 2 livros de poesia, “Janela do Tempo” (2015) e “Na Teia do Esquecimento” (2022). Participou ainda em coautoria em mais de duas dezenas de colectâneas de poesia e contos

A alma encantada

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

A alma sentia o que as palavras não explicavam
O coração sabia e compreendia a alma
Que estava enebriada de magia
Sentia o contentamento de toda uma vida.

Jamais, poderia pensar no ultimato
Era o florir em longo caminho
Os dias permitiam o fortalecimento
Daquele sentimento invisível.

Mas, forte o suficiente para transpor o tempo
A cada estação era pujante
O que a alma se permitia
Em nenhum momento, duvidava do que vivia.

Perceber além do olhar

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Na manhã de outono percebia
Que uma nova estação se evidenciava
Ela vinha carregada de incerteza
Não sabia o que o horizonte trazia.

Era uma mistura de cinza e nuvens sombrias
Que despontava naquele mar sombrio
Trazia a melancolia aos olhos que percebiam
Na vastidão do infinito tudo era vazio.

Na linha da vida havia muito
Que não se podia ser dizível
Era os mistérios vivenciais
Misturados com um tom de magia.

Encanto do sabiá

Não sou Gonçalves Dias, mais na minha terra tem palmeiras, minha terra tem sábia. Só sei que te amo, e pra sempre vou te amar

Canto no beiral da janela

pra te acordar

sentir seu bocejo

e seu cheiro de mulher

quero fazer de você

meu ninho me aninhar

no seu ventre

sentindo sua pele macia

do seu corpo nu

quero acariciar teus seios sentindo arrepiar

Canto pra te encantar

pra sonhar teus sonhos

acordada na mesma

sintonia do meu canto

Canta meu canto

mulher dos olhos instigantes que não

apaga jamais.

Ariê Vitor de Moraes

poeta das flores

Primavera

É mil flores que matizam as cores

enfeitam as matas,

decoram as casas

nas noites exalam aromas inebriantes,
nos dias de céu azul os jardins
cintilam as cores do arco iris,
primavera estação dos amores,
a natureza entra em harmonia total.
tudo fica mais bonito com o balé das borboletas
e o cantar dos pássaros,
beijos brotam dos enamorados,
a primavera chega a parar o tempo
para meditarmos os conflitos da humanidade,
a primavera é com certeza
a estação da paz do amor e das flores.

Ariê de Moraes

Poeta das flores

Corpo a corpo

Não me refiro
a uma luta medieval
e sim no encontro
dos nossos corpos
na nossa arena,
arena fértil da imaginação
onde até as paredes

suspiram de desejos
nossos corpos não tem fronteiras
fazemos evoluções
procurando o deleite
nos vestimos com nossos corpos
aquecendo nossas mentes
deixando nossas almas abertas
para sentir todos os sentidos
onde possamos escutar
o nosso pensamento surreal
para esse debate carnal de prazer
da plenitude da paz
até o suspiro final.

Ariê Vitor de Moraes

poeta das flores

Um sonho de ser Paqueta

Eu era uma menininha do interior do interior,
Sonhava com um mundo melhor.

Em meus pensamentos, tudo era positivo,
Já tão criança, lutava pelos meus objetivos.

Aproveitava bem a aula, as brincadeiras,
Naquela época, eu tinha também amigas verdadeiras.

Corria para casa pra assistir o programa da Xuxa,
Amava cantar, estica e puxa.

Eu sonhava em ser Paqueta,
Cantava todas as músicas, dançava, eu não parava quieta.

Fui Paqueta em casa, no teatro, nas brincadeiras com as amigas,
Eu lembro perfeitamente de tudo que aconteceu comigo, até mesmo algumas intrigas.

A gente sonhava tanto, mas também sabia viver tudo naquela época,
Seja correr pelas ruas ou andar de bicicleta.

Eu aproveitava cada momento, de tudo eu brincava,
Eu só não gostava de esperar, porque eu sempre ficava brava.

Mas tudo acontecia da melhor maneira possível,
Meu grupo era grande e impossível.

O tempo foi passando,
E tudo se transformando.

Mas nunca deixei de sonhar,
De imaginar que um dia eu chegaria lá.

As responsabilidades vieram com tudo,
Claro, eu não fugi de nada, e até usava uma mini saia de veludo.

De tudo eu aprontava, só não fazia papel de “trouxa”,
Afinal, eu não sou frouxa.

E tudo o que vivi, ficou guardado na caixinha,
Que até hoje tá escondidinha.

De vez em quando eu abro para olhar,
E fico a imaginar como eu fui tão feliz vivendo naquele lugar.

Biografia:

Auricélia Melo Feijão.

Residente em Crato-CE.

Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça.

Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@psicopedagoga_auricelia_melo / @auriceliamelofeijao

Laurel à Ruth Guimarães

Bernardo Santos

Como nadar em águas fundas
sem os temores dos filhos do medo
criados por mães nas lendas e fábulas?
O mundo caboclo não é só de Valdomiro Silveira,
há grandes enigmas para serem desvendados:
nas crônicas vale-paraibanas,
nos contos de cidadezinha
e na saga de Pedro Malazarte;
um calidoscópio de imagens coloridas,
um universo de certezas/incertezas
que Ruth Guimarães nos deixou...
Não há medicina mágica para o medo da morte,
nem simpatias para não morrer;
viver sem medo é o melhor remédio.
Mas o que é a morte para uma imortal?
Hoje, ela não conta mais histórias de onça e jabuti,
deixou de traduzir Balzac e Dostoiévski
para encontrá-los em um bate papo no céu
sem medo de ser feliz.

Bernardo Santos, 60, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Tem publicações em antologias, revistas literárias impressas e digitais. Seu trabalho mais recente é o romance histórico *O aluno do Passado* (Ebook Amazon, 2022).

www.bernardosantos.com.br

voo perfeito...

no espaço

que crio

meu voo

é perfeito

com jeito

de arriscar

sou gente

que faz

nem que seja

tão capaz

alço no encaço

do objetivo

que me apraz

ganhar ou perder

tanto faz

meu espaço

de busca

constante

transcende

o simples

do acomodar

Beth Iacomini

assim se vive...

viver na vida

rindo e dançando

fazendo acontecer

indo ao encontro

se encontrando

viver na vida

livre e cantando

sabendo-se gente

descobrimo junto

o caminho da alegria

viver na vida

essência de sabedoria

transpondo horizontes

percebendo-se o novo

na velhice da viagem

viver na vida

a fé, a coragem

refazendo sonhos

a cada dia, outro passo

apesar de, ao lado de

viver na vida

a incógnita da incerteza

que o amanhã nos coloca

sentindo a emoção
do encontro de mãos

viver na vida
tudo, sem medos
o essencial, o natural
louvando o amor
semente do sobrenatural

(principalmente
viver
o fantástico
de
estar vivo)

Beth Iacomini

MAR DOS TEUS OLHOS

meu corpo inundado
sem se dar conta
se apaixonou

teu beijo
gravou em meu peito
marcas de paixão
sabor cítrico

carimbou meus lábios

ardentes de paixão

gotas de batismo

adentraram meu ouvido

cócegas de amor

na virada da noite

abacaxi com hortelã

fomos pra Amsterdã

Beth Iacomini

Leve Socorro

Maria do Socorro que proclama no sereno
Que proclama no meio do terreno
Terreno esse repleto de espíritos da saudade,
Saudade essa que paira sobre o corpo de cada um de lá

Reparem só, Maria do Socorro todas as noites proclama ao mundo,
Será por misericórdia?
Veja bem, ninguém escuta as mulheres que pelo mundo vagam a pedido de clamor e o contrário do perdão,
Mas que perpétua maldição.

Socorro por todas que rogam por si e para o mundo
Será que são de barro com asas pesadas de lembranças

Que pesam

Caem,

Se quebram,

Se estraçalham

E se reconstroem?

Será que a mulher é metade barro, metade esperança, metade mar, ar, e lembrança?

Socorro aos que da peneira só ficaram com as pedras do barro

Socorro aos invisíveis que vagam nas avenidas, vielas do mundo.

Catarina B. Miranda

E A VIDA CONTINUA...

Olhei para o alto
Sem fé ou outra coisa qualquer
Só o infinito no horizonte
Num silêncio sepulcral

Chamei alto
Ninguém respondeu
Gritei mais alto
E nada novamente
Só a quietude
A batida do coração
Para dizer que estava vivo
Que ainda não desistiu

Por mais que ela me queira
Sobrevivi uma vez mais
O que fazer?
Nada especial dessa vez
Ficar quieto bastará
É preciso relaxar
Reunir forças

Agora, resta-me levantar
E dar mais um passo
Depois outro
E assim seguir em frente
Fugindo dela
Noite e dia

Cláudio Loes, catarinense, residindo em Francisco Beltrão/PR, é Associado do Centro de Letras do Paraná; Associado Correspondente da Academia Paranaense da Poesia; Membro do Centro de Letras de Francisco Beltrão, Editor da coluna Hemera no Jornal Opinião; colunista da Via Poiesis no Jornal Opinião e do Jornal Folha do Sudoeste; e na Revista Educação Ambiental em Ação.

MIOPIA ECOLÓGICA

Claudio Trindade
Inspire saber
Respire ar puro
Ser ecológico
É cuidar do ambiente
Em ecologia há interação
E não impregnação
Queremos o ambiente completo
Repleto de seres vivos
Olhe o ambiente
Com olhos curiosos
Sedentos de conhecimento
Pense no ambiente inteiro
Basta de miopia ecológica
Olhar em partes
Não traz solução
Só impregnação!
Necessitamos do ambiente puro
Com reaproveitamentos
Soluções conscientes
Sem lixos correntes
Os rios são dos peixes
Nossos efluentes devem
Ser reservados, tratados
E depois,
Integrados

Autoria Claudio Trindade

(Direitos reservados e garantidos. Lei Autoral 9.610/1998)

ACELERAÇÃO

Claudio Trindade

As batidas do coração humano
Causam aceleração. Por quê?
Quando estaos na terceira idade
São 70 batidas por minuto

Na idade adulta
Sua média é 80

No feto, veja só,
São 125

E o elefante, então
Deve ser um montão
Engano seu, são apenas 25
E a aceleração do tempo!
Preocupação valendo
Ele passa e não vemos
Ou será que o minuto passa
E você vê?
Mas vários minutos juntos,
Você não vê passar.

No ontem tínhamos
Barco a vela e a remo
E hoje
Supersônicos

Diminuímos o tamanho da Terra?

Ou aumentamos o tempo

Disponível para pensar?

Viajamos menos?

Agimos menos?

Dormimos menos

Pensamos mais

O “mundo” diminuiu?

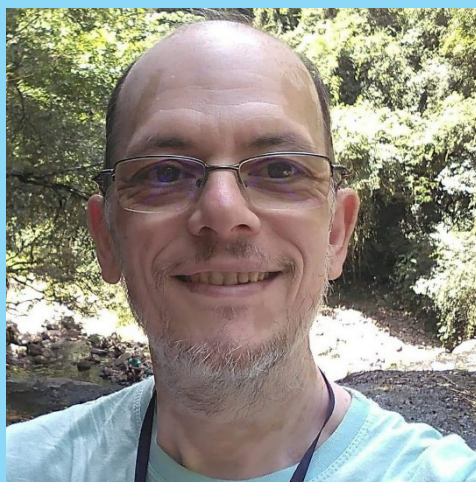
Não,

Nós diminuímos os caminhos

Pelos transportes

Autoria Claudio Trindade

(Direitos reservados e garantidos. Lei Autoral 9.610/1998)



Claudio Rogério Trindade natural de Três Passos-RS, reside em Ijuí - RS desde 1985.
Licenciado e Especialista em Química pela UNIJUI, cursou: Massoterapia, Tutoria EaD,

Educação Ambiental, dentre outros. Participa, como representante do IMEAB (Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil), no fórum da Agenda 21 – Ijuí/RS, fez parte do Comitê do Rio Ijuí. Associado efetivo da ONG - AIPAN (Associação Ijuicense de Proteção ao Ambiente Natural), Membro do CEI – LFG (Círculo dos Escritores de Ijuí – Letra Fora da Gaveta) (2009), Acadêmico Fundador da Academia Internacional Artes, Letras e Ciências ‘A Palavra do Século 21’ - ALPAS 21 de Cruz Alta – RS (2012); Acadêmico Correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG (2016); Academia Virtual Artes e Letras – AVAL (2021); Academia de Letras e Artes da Zona Oeste do Rio de Janeiro – ALAZO (2021); Membro da Confraria Ciranda do Poetrix, Santana da Parnaíba/SP (2021) e Membro da Academia Internacional Poetrix/Rio de Janeiro (2023). Patrono da 24ª Feira do Livro Infantil do Sesc e 20ª Feira do Livro de Ijuí – 2013, teve sua primeira poesia publicada em 2000 no livro “Poesia V – alunos mostram o que fazem (Centro de Educação Básica Francisco de Assis - EFA)”. A partir desta publicação, não para mais de registrar e, em 2009 ocorre a primeira publicação individual intitulado: Pensar ... Viver , em 2014 lança seu segundo livro solo de poesias: Caminhos. Possui textos em revista nacionais como: Carta na Escola e Pátio - Ensino Fundamental. Participa de diversas coletâneas e tem suas poesias e textos publicados em jornais. Também tem publicações de cunho didático.

Whats: (55) 9 9979 6763

Insta: claudio.trindade.39

Face: Claudio Trindade

Quando

Quando chegar sem nada dizer,
e se eu permanecer em silêncio,
por favor, entenda que só quero
estar perto de você e nada mais.

Se tiver com vontade de chorar
vou deixar a emoção me levar
Deixe que as lágrimas venham
não sei esconder meu pranto.

Se notar que estou muito triste,
Deixe que a tristeza se esgote
em mim, entenda que para você
eu nunca precisarei fingir.

Quando eu te sorrir, abrace-me
carinhosamente e diga que me
ama e que me fará o cara feliz
de janeiro a janeiro nesta vida.

Daniel Bezerra

Sublime amor

Amor, palavra bendita e singela
Que dá certa nossa vida tutela
Alimenta, com seu calor vigor
Pureza, com lirismos e fulgor

Amor e ternura afago e emoção
Força que desnuda toda a razão
Raio de luz e estrela que me guia
Sentimento que sentido nos dia

Amor, força suprema e colossal
Intenso fogo devastador da alma
Pulsa no meu peito amor divinal

Amor sublime, puro tão abissal
É lenitivo que cura a dor da alma
Um sentimento puro e sublimal

Daniel Bezerra

És meu tudo

És ternura que beija minha noite
A luminosidade do sol nascente
A doçura que encanta as tardes
O desejo que aflora o meu viver

És o vento que sopra ao ouvido
O despertar das minhas ilusões
A boca que pronuncia verdades
Desejo que me leva à exaustão

És o fruto que sacia minha fome
A água da chuva que mata sede
A razão desta minha existência
Verdade ou fruto da imaginação

És a dúvida de teus sentimentos
O medo que tanto te atormenta
És um grito entalado na garganta
A espera ansiosa da tua decisão

Daniel Bezerra

Tão fofo

Eu o amo incondicionalmente
Sou apaixonada por aquele sorriso
Não me canso de escrever sobre ele
Ele é meu grande amor
Desde minha adolescência que ressoou um sentimento puro em mim.

Ele é Benjamim
O primeiro cara que tive uma queda
Ninguém amei alguém como o amo
Espero ser sua esposa
Serei muito feliz com ele
Ninguém me fez tão feliz como ele.

Feliz é quem é amado
Feliz é quem conhece o amor
Desejo que um dia eu o conheça totalmente
Você sabe como é, ele nunca mostra quem realmente é por medo de criticarem
Ele é suave e as vezes tão fofo!

Deisiane Santana de Oliveira

DESIGUALDADE DOCE



Foto de Tainá Silva

27 de setembro

Dia de Cosme e Damião

Festa com cara de subúrbio

Saquinhos de papel

Bala Juquinha

Suspiro

Maria-mole

Chiclete

Cocô-de-rato

Pirulito Zorro

Doce de batata

Doce de abóbora

Doce de leite

Cocada

Caramelo
Paçoquita
Amendoim
Eventualmente até um bombom
Gerações de doces e marcas
Todos com sabor açucarado de infância
Às vezes com brinquedinhos legais
Simples, mas legais
Da gaita ao apito
Da língua-de-sogra ao anel de plástico
Do pião ao ioiô
Brinquedos de alegria
Com o tempo a festa mudou
Continua suburbana, como sempre
Mas o diabo é que o subúrbio também mudou
Se antes as casas abriam portas e convidavam a doces na mesa
Depois passaram a entregar cartões numerados
Senhas pasteurizadas
Doces com hora marcada
Confusão feita por quem quer saquinhos
Desespero por algum sabor na vida
A única chance de refeição do dia
Aglomeração na frente de portões fechados pontiagudos
Busca espontânea?
Ou infantes obrigados por adultos de amarga vida?
Medo da confusão
Entrega motorizada de doces
De carro
Pela fria janela entreaberta do lado do carona
Pontual, específica, escolhida
Escolha que sempre exclui os mesmos
Os da muvuca

Os que precisam se alimentar
Logo os que, espontâneos ou ordenados
Se acotovelam em frente às grades espetadas em flor-de-lis
Pedintes de fora provocando latidos hostis dos cachorros de dentro
Exatamente esses da aglomeração
Mais precisam conhecer algum lado doce da vida
Neste país tão desigual
Herdado por filhos de donatários, grileiros e senhores de engenho
De ontem, hoje e amanhã
Tiramos o doce da boca das crianças
Mas a cada 27 de setembro
Cosme, Damião e Doum estão vivos!
Não tão satisfeitos com o rumo da festa
Mas vivos
Enquanto há vida
Há esperança
Doce esperança
Ao menos para alguns.

Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

@labeuc.elidiomar

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*, colunista do portal *Fauna News* e integrante do podcast *Silvestres*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.



Emecê Garcia é poeta, contista, filósofo, professor formado em Letras, em Filosofia e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRN.

INCRÉDULO

Denominado de homem
Esse ser racional,
Para que tens essa mente?
Mente não é pra mentir
Foi feita para pensar...
Mas pode ser para amar?
E esse teu coração,
É para raciocinar?!

Faz versátil sentimento
Oh, pobres homens incrédulos...

A quem tu dás tuas graças
Da tua própria existência?
Além de teu amor mútuo
Além do existir dos seres
Além da luz da origem
Além dos teus ancestrais
Além dos teus próprios pais
E além de teu destino
Desde que eras menino?...

A quem tu dás tuas graças
De tua felicidade?
Além do amigo que tens
Que sempre te considera
Além da mulher que amas
E também tu és amado
Além das mulheres fáceis
Que dão vida a teus caprichos
Além da tua bebida
Que tu ingeres nas festas

Além da grana que tens
E toda a tua riqueza
Da era tecnológica.

A quem tu dás tuas graças
Das tuas grandes vitórias?
Além de super dotado
Além da inteligência
Além dos próprios esforços
Além de teu otimismo
E da determinação
Além da disposição
De tua saúde física
E de todo o teu amor?

Como podes ser incrédulo
Por viver do teu presente
Nestes velozes segundos
Transformados em futuro
Nem consegues perceber
Tua inocência cega.

Admito as milhares
De perguntas sem respostas
Que povoam a tua mente
As quais deixadas pra trás
Pelos sábios e estudiosos
Toda vez que tu almejas
Teus mais nobres ideais.

Que insistem a coagir
As tuas eternas dúvidas
Pela tua consciência
Do ingênuo coração.

Oh, meu jovem ser,
Homem racional
Mas tudo depende
Do referencial...
Eu também sou vítima
Das causas atuais
Com a dúvida de que
Você tem resposta
Na percepção
De ser rejeitada.

Defasagem e vestígios
Retratam a realidade
Na cegueira do afã
Que se faz exacerbado
Que sempre é almejado
Porém fica incompleto
Na rapidez de querer
Cegamente por vencer.

Como podes ser descrente
Ante tua inteligência
Será que tu és um deus?

A quem tu recorres,
Quando estás doente
Senão a um médico
E bem renomado...
Senão a um amigo
Senão às mulheres
Tua mãe ou teu pai?
Aqueles que creem
Aqueles que rezam
Com força e com fé
E ainda praticam
Suas obras simples
Mas muito concretas
Por terem te dado
Essa vida e mente
Esse coração
E essa estatura
Humana que és.

A quem dás graças à graça
Desses pequenos mistérios
Perenemente aos teus olhos
Se quando, mesmo incrédulo
Cultuas o sol da manhã.
Quando tu mesmo incrédulo
Sentes noites enluradas
Com seus cometas e estrelas;
Quando tu mesmo incrédulo
Admiras terra e plantas
Com todos seus animais;
Quando tu mesmo incrédulo
Admira as mulheres
Na sua beleza sempre;

Quando tu mesmo incrédulo
Admiras a massa móvel
Com mente e raciocínio
Com coração para amar;
Quando tu mesmo incrédulo
Admiras-te narcisista
E segues admirando
Inocentemente a todos
E toda a natureza
Cegamente do maior
Referencial do ser
Que concebeu tua vida
Tal como um trovador
Dizes que és um ateu.

Sabendo que os próprios índios
Tem natureza deísta
Que o céu, a terra e o mar
Não foi homem que criou
Apenas, modificou
Abrupta e cruelmente...
É justo, que ages assim!...

Do Livro: O ARAUTO, de Emecê Garcia – Natal, 2023.

MEU BIOMA

Evandro Valentim de Melo

A “caixa d’água do Brasil” é sua alcunha
Riqueza que se desdenha
Flora desconsiderada, desmatada
Fauna menosprezada, queimada
Desprezado e inexistente na Constituição
Essa não!
Alastra-se a fronteira agrodestruidora
Pasto, gado, milho e soja, que visão arrebatadora!
Amplia-se a (in)certeza do futuro
Não lhe reconhecem o significado
“Prestenção”!
Necessita respeito e acolhimento
Um abraço de mãe, daqueles bem apertados
Em lei protegido
Em prosa contado
Em versos cantado
Não importa se desafinado
Belezas tortuosas
Curvas encantadoras
Árvores lindas
Rimado ou não, vivas a ele!
Cerrado, meu bioma mais amado

Silêncio: começo e/ou fim

...

Pessoas cegas pela ignorância

Dizem:

“Isso aconteceu porque você quis!”

O escudo que protege suas cicatrizes sensíveis e dolorosas,

A ignorância

Não os deixa perceber que

Lutar para viver sem dor

Em um mundo paralelo

Onde somente uma espécie diz

Saber

Mas não sabe o ‘dizer’ da própria espécie.

Um lugar onde há tantos remédios milagrosos...

Que curam tais comportamentos...

Espaço de defesa da existência dos defeitos:

“Errar é humano!”

Tão humano quanto as pessoas que já se foram

Por um erro ou defeito...

Vocês sabem o que querem?

Eu sei o que eu quero.

Eu quero viver!

Sem dor...

Ignorância...

Cicatrizes...

Luta.

Quero apenas ser humana.

Mudar antes do desastre estraçalhar a minha porta.

Você grita

“Imponência!”

Impondo com sofrimento e morte.

Eu grito

“Censura!”

Quem é?

Apenas um ponto de interrogação.

Evelyn Rodrigues.



Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano, atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

ENTÃO, PRIMAVERA

Nas pétalas do girassol,
Deitei meus sonhos de arrebol!
Na rotação da minha vida
Guiei, segura, a minha dura lida.

Em minhas mãos, destino,
Tomei-te a doma e o tino.
Em nome de Deus, criador
Nunca tive medo do labor.

Assim me fiz primavera.
Dessa forma, em todas as eras...
Pois não há inverno que dure,
Sem uma alma que jure:
Jamais deitar-se por terra.
Nunca desistirei de uma guerra.

Vencer é supremacia pena!
Estratégia é ver-me sempre em cena.
É preciso ser amazonas sábia,
Pra conseguir voar alto, como a águia.
E assim, girar dentro do girassol,
Mais perto ainda da luz do Sol.

Por que eu sou primavera:
A prima do Sol!

Fátima N. Leite

QUEM SABE UM DIA

Em altas ondas naveguei,
De belos sonhos acordei,
Era o lúdico, eu sei.
Mas sonhei e amei...

Quanto passado j[a passou,
E quanta ilusão se findou...
Mas foi amor e se amou.
Eu sei que no passado se amou...

Desde o nascer do Sol, sonhar...
Até a lua escurecer, se lembrar...
E quando os caminhos se encontravam,
Emoções afloravam, sem parar, olhos se olhavam.

Nossos destinos desencontrados,
Corações por amor acorrentados.
Entretanto, caminhos fragmentados...
Quem sabe um dia? Quando formos alados...

Fátima N. Leite

Ela na experiência

Ela é bela, na sua delicadeza natural. Ela nasceu com o pranto, no espanto da realidade. O seu pranto foi o canto da surpresa. Ela é caicoense, nasceu no mês de setembro. O setembro que inicia a primavera, a primavera do florescer. Ela é flor vibrante de olhar cativante. Ela foi o encanto que trouxe alegria no olhar do pai. Na infância era menina meiga. A menina feliz na brincadeira, ela sorria com a chegada do pai. A sua alegria era um espelho refletido de amor no encontro com o pai. Ela sabe o que viveu na caminhada da alegria e da tristeza. Ela tem a esperteza analítica do acontecimento. Ela é filósofa por natureza, é vitoriosa no segredo da vida. Ela é amiga discreta e atenciosa. É amiga da honestidade. É amiga na sutileza da ação. É uma admirável mulher no cuidado de ser. Ela é mulher elegante e mãe de coração. Ela foi a flor que desabrochou o fruto da vida. A graça que fez renascer a esperança de um novo viver, na alegria da contemplação de ser mãe na experiência. O filho que despertou o amor na sua essência de ser. O filho que engrandece o sorriso delicado, no olhar de estrela brilhante, na satisfação de amamentar o seu querido príncipe no aconchego do abraço.

(Francineide Araújo de Medeiros)

**ONDE ESTÁ A MADALENA?
UMA HISTÓRIA DE AMOR ETERNO**

No Reino de Carcará,
Numa montanha sagrada,
Onde cinco rios nascem
E descem em disparada,
Aconteceu este conto
Preparem-se para jornada

Vai começar a história
Contarei tudo que sei
Direi a vocês leitores
Os fatos que anotei
Quando repórter eu fui
E com gosto registrei.

Dentro daquele reinado
Imperava Madalena
A Princesa mais bonita
Filha única de Helena
Que herdou da sua avó
A mansão de Açucena
Lá dentro tudo enorme
Vinte quartos com banheiros
Cinco salões para festas
Todos dali são festeiros
Seis cozinhas bem lotadas
Trinta mestres cervejeiros

E foi no mês do São João ^{junho}

Quando fogueira queimou

Que no Jardim da Pitomba

A mansão se iluminou

Com dança pra todo lado

Madalena festejou.

A Princesa tão benquista.

Conheceu Príncipe Tomba

Foi amor e foi paixão

Naquela festa de arromba

Coração em disparada

No Jardim lá da Pitomba

A Princesa tinha fama

Dentro dela um mistério

Todo ano no São João

Pregava o Bispo sério

Dizendo: -Vamos rezar!

Deus dará o refrigerio.

Príncipe Tomba não via

Mas achava esquisito

Que a sua Madalena

Com olhar no infinito

Depois daquele forró

Escondia algum conflito

Sendo homem do sertão

Um cavaleiro cismado

Príncipe Tomba falou:

- Não me deixe afobado.
Madalena vá dizendo
O quê há no seu passado.

Forte como aroeira,
Doce como rapadura
A Princesa Madalena
Com grande desenvoltura
Contou tudo ao Príncipe
Com choro e amargura

Disse que seu coração
Foi por feitiço marcado
Quem dela se aproximasse
Breve seria tomado
Pela fúria do capeta
Anjo mal e condenado.

Quando Tomba tudo soube
Prometeu amor sem fim
Jurando a Madalena
Ser seu anjo querubim
E que nada neste mundo
“Afasta você de mim”.

Estava o mundo perfeito
No Reino de Carcará
A Princesa Madalena
Alegre que só preá
Quando encontra batata

No sertão do Ceará.

Para não perder seu tempo
Tratou logo casamento,
Tomou doido pela dama
Não usou de argumento
E Disse: *-Por mim, Princesa
Pode vir o sacramento.*
Então Rainha Helena
Tomou todas as providências
Na mansão de Açucena
Com célebres urgências
Vieram os convidados
Dos reinos e adjacências.

Não tinha rosto mais lindo
Na cena do casamento
Madalena transbordava
Seu grande contentamento.
O Reino em grande festa
Celebrava o momento.

De repente ele surgiu
Saindo da profundidade
No Carcará penetrou
E urrou com fortaleza
Dizendo: *-Vim acabar
A festa da realeza!*

Caranguejos foram soltos
Bem no meio do salão
Correu mulher sem destino
Com medo daquele cão
Que cuspiu larvas quentes
Parecia um vulcão.

Tomba puxou a espada
E com grande exatidão
Cortou do diabo o rabo
Que caído no salão
Girou como carapeta
Numa festa de São João.
O Tinhoso não tem sangue
Pois vida nele não há
Só fede a carbureto
Seja cá, ou seja, lá
É espírito imundo
Tomba disse: *-Venha cá!*

O Chifrudo lhe falou:
*-Você é o abestalhado
Que Madalena fisgou.
Não fique abobalhado
Sua hora já chegou.
Vim buscar recém-casado.*

Quando o Cão se preparou
Para jogar o tridente

Madalena deu um pulo
E ficou bem lá na frente
Por Tomba deu sua vida
Foi algo tão comovente.

Naquela hora a montanha
Teve um grande tremor
Os cinco rios secaram
No Reino, houve clamor.
Trevas densas atingiram
A festa daquele amor.

Madalena foi levada
Seu corpo não encontrado
Tomba chorou sem parar
As mágoas do castigado
Não serviram para nada
Deixaram-no derrotado.

No Reino do Carcará
Tudo era sofrimento
Os bichos se esconderam
Havia só o lamento
Ninguém sabia das horas
Sem relinchar o jumento.

Tomba não pode viver
Sem sua inspiração
Cada dia ele sofria
Grande dor no coração

Madalena era tudo
Seu olhar, respiração.

Quando o sol voltou pra casa
Tomba pensou acabar
A sofrida existência
Mudar alma de lugar
Procurando Madalena
Naquele seu novo lar.

Fincou o sabre no peito
Do mundo se despediu
Três linhas diziam tudo:
*“Fui buscar quem já partiu.
Sou homem determinado,
Não temo quem me feriu”.*

O adeus ao Príncipe Tomba
O povo foi assistir
No castelo de Helena,
Seu enterro, seu partir.
Cena trágica do amor
Impossível omitir.
No outro lado do véu
Onde o corpo não existe
O espírito de Tomba
Gritou: - *a dor bate e insiste.
Tenho toda eternidade.
Quem ama nunca desiste.*

Tomba procurou a amada
Sem parar nenhum segundo,
Onde chegava cantava:
-Madalena és meu mundo.
Quem canta pra ti é Tomba,
Um eterno errabundo.

Cantou ele no Inferno,
No Céu fez foi serenata.
O seu canto ecoava
Dando brilho à Via-Láctea
Nem sinal de Madalena,
Era o leite sem a nata.

Vinte anos se passaram
Nesta busca infinita
Tomba em todo Universo
Procurou sua bendita
Deixou versos nas estrelas
De maneira inaudita.

No mais longe do Universo
Tomba também fez chegar
Sua busca insaciável,
Seu desejo de encontrar
O tesouro – Madalena,
A chama do verbo amar.

Um dia quando a Morte

Foi à casa do ferreiro,
Para amolar a foice,
Viu Tomba, o altaneiro
E soube quanto corria
Aquela moço guerreiro.
A morte disse: *-Eu sei
Onde está quem você busca.*
*A Princesa Madalena
Ela foi por mim oculta
Deu a vida por você
De maneira resoluta.*

Tomba naquele momento
Chorou alto de alegria.
E a “Moça Caetana”^{a morte}
Que a vida não nutria,
Tinha bem forte certeza,
Que do amor não venceria.

Para não ser humilhada
Como foi naquela cruz,
Pelo jovem nazareno
Que a todos trouxe luz
A Morte deu Madalena
Oculta em Alcatruz.

Montado em um dragão
Cruzou ele o infinito
Voando para Alcatruz
Lugar distante e bonito

Demorou para chegar
Tinha coração aflito.

Alcatruz inviolável
Guardava no interior
Os mais nobres corações
Que morreram por amor
O solo era vermelho
Ornado com linda flor.

Para entrar nesse lugar
Duas coisas se faziam:
Tomba abria seu coração,
Raios de luz se expandiam,
No outro lado do muro
Paixão e amor respondiam.

Ficou provado que o amor
É a força que transforma
Que vence toda barreira
De maneira majestosa
O casal virou estrela
Que brilha no Céu agora!

Fim

Informações catalográficas

Título: Onde está Madalena? Uma história de amor eterno

Autor: Mané Beradeiro

Data: 12 de janeiro de 2018

1ª publicação: julho de 2024

Estrutura: 42 estrofes em sextilhas (seis versos)

Rima: xaxaxa

Marcadores: Romance, amor eterno, reino.

O APELO DA NATUREZA

Francisco Luiz Mendes

Por que você me maltrata?

Eu só quero o seu bem

Mato a sua sede ardente

E a fome quando ela vem

O que me falta fazer

Afinal, qual o porém?

Qual a razão e o motivo

Desse ódio seu em mim?

Diga-me: Que mal lhe fiz

Pra você querer meu fim?

Eu não me lembro o motivo

De tanto desgosto assim?

Não dói no seu coração

Quando atíça fogo em mim?

Pois em cada labareda

Como choro muito, sim.

Tudo que você escuta

São minhas dores, enfim.

Tenho o céu por testemunha

Mal jamais lhe desejei

Ao contrário meu amigo,

Pois eu sempre lhe ajudei

Nas suas necessidades

Juro, nunca me neguei.

Viva e deixe-me viver
Se eu lhe peço, por favor,
Por que você me persegue,
Oh, meu amigo, senhor?
Bote a mão na consciência
Imagine minha dor.

E você quando me fere
Com a sua ferramenta
A minha alma vai além
Até fico sonolenta
Sem forças pra reagir
O céu é quem me acalenta.

No tempo fico gemendo
Grande é minha dor, enfim.
Os meus aliados choram
Com piedade de mim,
Mas nada podem fazer
Ante do meu triste fim.

Contudo, para você
Tudo é muito natural.
E se eu vier a morrer
Não tem nenhum funeral,
Qual a importância que eu tenho
Para você, afinal?

Será que você não vê?
Está até se matando!
Cada vez que me envenena
Seus dias vão encurtando
Por mim, amanhã, quem sabe
Esteja você chorando.

Além disso, em seu entorno
A água suja amanheceu.
E consigo, você disse,
Pois não é problema meu
Enfim, não estou nem aí!
Quem a sujou não fui eu.

Meu caro amigo senhor
Preste-me bem atenção.
Você tem tudo de bom
Cá neste velho mundão
Dê graças pelo que tem,
Mas nunca deboche não.

Sou e serei o seu sustento
Ainda não percebeu?
Em que mundo você vive?
Tudo que é meu é seu
Por isso, meu caro amigo,
Também o que é seu é meu.

Pois essa atitude sua
Não entendo infelizmente
Aliás, a meu favor,
Creio que tem muita gente.
Não sei porque só você
Comigo é tão diferente.

Mas as mesmas atenções
Que tenho para contigo.
Até dou para os outros,
É assim que se faz amigo,
Porém somente você
Quer ser o meu inimigo.

Quero ter sua amizade
Que seja assim, infinita.
E vista por todo mundo
Tal estima mais bonita,
Que este laço de afeição
Dia a dia se repita.

Eu, gostaria e muito
É de sua proteção.
Ajude-me, por favor,
Na minha preservação.
Faça sua propaganda
Do mundo chame a atenção.

Nem tão somente você
Seja culpado sozinho,
Mas se tiver alguém que,
Queira mexer o pauzinho.
Sei que vou sobreviver
Ainda por um tempinho.

Seja a minha voz, então,
Suplico a todo momento.
Não me deixe sucumbir
Alivie meu sofrimento
Oh, meu caro senhorio,
Tenha sim, mais sentimento.

Será que ninguém escuta
Neste velho mundo cão,
Meu gemido todo dia,
De dor e muita aflição?
Parece que alguém é surdo
Ou se faz de bobalhão.

A voz do povo não é
A de Deus, como se diz,
Por fim, se fosse verdade,
Ah, eu seria feliz!
E hoje estou sofrendo
A dor de ser infeliz.

Eu já não suporto mais
Tanta fumaça engolir.
Oh, homem porque você,
Tanto me quer destruir?
Que vantagem você tem,
Querendo só me ferir?

Você sabe muito bem,
Não sobrevive sem mim,
Precisamos um, outro,
Pois isso, é verdade, sim,
Se não ficarmos unidos,
Logo será o nosso fim.

Pense bem, antes de tudo,
Para não se arrepender.
Para o “leite derramado”,
Não há mais o que fazer.
E cada solução seu,
Vai lhe trazer mais sofrer.

Eu dependo de você,
Mas você também de mim.
Vamos unir nossas forças
Para chegarmos num sim,
Pois assim se nós fizermos
Brindaremos com um tim-tim.

E se quiser você pode
Qualquer hora me ajudar
Eu estou de prontidão,
Pois é só sinalizar.
Por favor, não se demore,
Venha logo me salvar.

Ouçá-me com atenção!
Seja pobre ou seja rico,
Apelo para você,
Não fique de paparico.
Afirmo: Você está
Numa sinuca de bico.

O tempo é muito voraz,
Não espera por ninguém.
Por isso, acorde homem!
Não fique nesse vaivém,
Sua vida corre risco,
Assim, a minha também.

Mexa-se, caro senhor!
Faça a coisa acontecer.
Pode ser tarde demais,
Não deixe o tempo correr,
Quando você despertar,
Nada poderá fazer.

Por favor, conscientize-se,
E haja com mansidão.
Eu lhe peço, caro amigo,
Ouça minha apelação.
Proteja e também ajude,
Na minha preservação.

Estou aqui lhe pedindo,
Se acaso fizer assim,
Ficaremos bem mais fortes,
Pode acreditar em mim,
Porque a nossa união,
Será um laço sem fim.

Não me negue, por favor,
Sua colaboração.
E faça já sua parte,
Abraça, pois a questão
Levante a nossa bandeira,
Bote nela o coração.

Oh, homem não seja rude,
Seja só delicadeza.
No seu entorno que lindo!
Enxergue quanta riqueza!
Mais uma vez, por favor,
Ouça a voz da Natureza.

Fim.

Retrato das palavras

O canto ecoa

Amor e praticidade nas diferentes culturas muitas reflexões da origem e escravidão

Os indígenas relatam a língua, emoção!

Milhares de palavras como confiança, poesia, música na ginga do forró

O luar esconde a maldade refletem as linguagens no passado e criam esperança

Dos ricos e pobres a felicidade é uma onda

Pássaros no coqueiro e frutas

Todas as expressões

São como luzes

Uma canoa flutuante

Transportam o brilho da palavra

Num piscar sensacional

A diversidade une, recria a intenção

Floresce e retrata o amor

Que não só diz,

Mas vibra no coração.

G TB

Perder e se encontrar

Na lembrança suaves brisas me refrescam

A passagem do amanhã se tornam mais sincronizados com o presente

Sementes de prazer invadem e encantam o corpo dormente

A correnteza me leva e encora o menosprezo que se alimentam

Verifico e me agito no conflito que me colocam

A troca da discórdia elucidada e completa entre a gente

Vamos na parafernália da existência permitir o ausente

E se destacar a vivência querida me despertam

Realça, viva a praia do eu posso e atenta demostro os pensamentos que renunciam

Penso nas realezas do afeto e de tão discreto me viro atentamente

Com o olhar aberto como se dissesse não desista, estude e se complemente

Valência e persistência se acomodam

Sabemos mais juntos enfrentar as recorrências do eu insistente

Com valor e intensa multiplico-me eternamente.

G TB

Amizade

Amizade, verdade e ação

Três destros iguarias

Na maestrina versão

Em que muitas se perdem outras não

Verdadeira companhia sem causa

Com vontade em nossa vida

É adorno de irmão

Servimos nossos momentos

Na singela mazela da vida

Quando a perda está no coração

Com alegria intermitente

Lapida o ar ausente

Na estrada da vida se presta da melhor atenção

Venha como vier, vai quando puder

Minhas alegrias repartidas, minhas tristezas definidas

Jamais se vão sozinhas

Se presa a fiel condição

Que amizade, verdade é a ação mais sublime das virtudes

De quem faz valer a proteção

Constante no partilhar da emoção

De que ama outro ser como é como são

G TB

E se...

E se as portas se abrissem mais do que se fecham,
se os dias de luta não predominassem?

E se o tempo de trabalho fosse mais curto que o
tempo de lazer,
e o dinheiro fosse distribuído igualmente?

E se os filhos crescessem mais devagar,
e os adultos fossem mais pacientes?

E se tudo fosse mais fácil?

Islaine Batista da Silva | @isa.batixta

O jardim do príncipe

Perto dela,
um caminho sinuoso de pedras,
árvores, flores...
Uma pracinha com frondosa amoreira.
A casa, distinta, é inconclusa,
mas o jardim é do príncipe.
Lançar vida sobre os sonhos é árduo.
Em surdina,
um argueiro latejante
grita o meu nome.
A luz invade a ramagem.
Casa com jardim é
o lugar mais lindo do mundo.

Jean Sartief do livro Jardim dos Abismos.

Inacessível

No caminho
vazio de miragens
um ligeiro gemido
vaza.
Invade.
Planto flores
que te comem.
Nessa queda
enviesada,

enquanto se elidem
sonhos e pesadelos,
sou tisonado pelo sol.
A inteireza escapa.
É nesse campo abandonado
- vazio de árvores -
que dou-me conta:
é de outra época
o meu olhar.

Jean Sartief do livro Jardim dos Abismos.

Nada mais à espera.

Trilhas e rastros.
Desenhos e musgos.
Estames e carpelos.
De madrugada
selamos um beijo
enleiado de afetos.
Vou dispor do meu
último desejo.
Ofereço maçãs,
meu corpo,
ereções
e um coração desnudo
e sangrento
que me sustenta
desde que nasci.
De madrugada,

selamos um beijo
e percorro espaços
como uma aranha em sua teia.
Teia fina, tão fina.
A vida acontece em um jardim.

Jean Sartief do livro Jardim dos Abismos.

O destino

José Jaeder de Araújo Silva

O destino é algo incerto
Na qual não podemos prever
Escolhemos caminhos e rotas
De acordo com o nosso querer
Mesmo sabendo que é ele
Quem decide como vai ser

As escolhas, essas são nossas
Sonhando com uma solução
Acreditando fielmente
Que estamos com a razão
Mas é ele, o destino
Quem indica a direção

O fim pode ser somente o recomeço
De uma história de discórdias e conquistas
Pois a vida é uma incógnita
Que se quer pode ser revista
É preciso continuar acreditando
Que é assim que se vive a vida

ESSE TAL CORAÇÃO...

Mexe... coração
Revira a minha alma
Faz do avesso os meus versos
Enquanto, o travesseiro me acalma!

Sorria... coração
Espalha o confete pela brisa
Apresente o colorido desta vida...
Por vezes, bem indecisa.

Bate forte... coração
Na tristeza ou na alegria
Pois, é a sua coragem
Que me impulsiona nos dias de correria

Sei lá, coração...
Siga brindando a cada vitória
Só você sabe dos meus segredos
De cada página da minha história!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Decepção

Aí essa vida é
cheia de decepção.
Me aborreço com a vida.
Fico triste com essa vida.
Essa vida é decepcionante.

Temos sonhos e desejos.
Mais não temos dinheiro.
Queremos crescer e florescer.
Mais os obstáculos são grandes.
Oh vida ruim é essa vida.

A vida me ilude.
Essa vida me seduz.
Nessa vida eu viajo.
Com a vida tento
mudar de vida.

Decepções é a vida.
Com decepções se
segue a vida.
Quão decepcionante
é a vida.

Insatisfação com a vida

Ai que vida triste.
Nada dar certo no
decorrer dessa vida.
Muitos sonhos fracassados.

Essa vida não é fácil.
Viver requer sanidade mental.
Aí vida penso que você
poderia ser mais fácil.

Eu tenho uma grande
insatisfação com você vida.
Você só me magoa vida.
Você só me frustra.

Nossa vida como você
é traiçoeira.
Uma hora você me ama.
Outra hora me manda embora.

Ai vida eu estou
insatisfeita com você.
Esperava mais de você.
Me frustrei com você vida.

Biografia:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) . Adora um romance e nas poesias viaja nos romances.

Instagram: [@liecifranborgesmartins](https://www.instagram.com/liecifranborgesmartins)

NEGRA OU BRANCA?

Conhecida como branca
Na certidão de nascimento
Vivendo a realidade
Que não diz no documento
Porque o cabelo crespo
Fala alto no momento.

Desde de criança aprendi
Que a cor branca pertencia
Mesmo com cabelo crespo
Que muita angustia trazia
Chamado de pixaim
E de negra da Bahia.

Bombril de ariar panela
Ou ninho de passarinho
Era cabelo de buxa
Não recebia carinho
Ninguém passava a mão
Como se fosse espinho.

Apelidos eram muitos
Branca de cabelo ruim
Sem ter o entendimento
Do colorismo sem fim
Do branco que não é branco
Que atingiam a mim.

Senti o embranquecimento
Da nossa população
Me obrigando seguir
Estilo que era padrão ,
Tem que ter “cabelo bom”
Com consciência, ou não.

Escova, alisamento
Um sofrimento danado
Puxa de lá e de cá
Para ficar arrumado
Mas a raiz insistindo
Que queria ser mostrado.

Foram anos de sufoco
De falta de identidade
Em busca de aceitação
Dentro da sociedade
Fugindo do preconceito
Procurando igualdade.

Alisando o cabelo
Para se dar bem na fita
Recebendo referências
No meu íntimo, aflita.
Aquela não era eu,
Não me achava bonita.

O tempo foi se passando
A vontade de mudar
Meu cabelo natural
Fui pensando em resgatar
Até que criei coragem
E parei de alisar.

A decisão não foi fácil
Muita gente a criticar
Esse cabelo está feio
Por que não vai arrumar?
Cadê a cabelereira
Resolveu te abandonar?

Amigos me encaravam
Com ar de decepção
A família criticava
Com muita indignação
Mesmo assim eu resisti
Continuei no padrão.

O tempo foi se passando
Todo mundo acostumou
Hoje ninguém fala mais
Fato normal se tornou
Meu cabelo é minha marca
Muito feliz eu estou.

A barreira do racismo

Aos poucos sendo quebrada
Assumindo as origens
A resistência aumentada
Mostrando empoderamento
Da mulher na caminhada.

É preciso ter coragem
E vontade de mudar
Para entrar no processo
De transição capilar
Tomada de decisão
Feliz da vida ficar.

Assumir cabelos crespos
Torna-se ato político
É uma decisão única
Pode ser momento crítico
Mas eleva a auto estima
Empoderamento mítico.

Mulher precisa mostrar
Que tem personalidade
Ver que autoaceitação
Muda a realidade
Assumindo os seus cachos
Com especialidade.

Se alisar o cabelo
Pra se sentir adequada

Lidando com preconceito
Hoje a coisa está mudada
Valorizar as raízes
Da mulher empoderada.

Cabelo é a minha coroa
Mostra de onde estou vindo
Fazer chapinha jamais
Vou continuar sorrindo
Ache ruim quem quiser
Assim eu vou resistindo.

Posso até ter pele branca,
Mas negritude na veia
Represento o meu povo
Com brilho que encadeia
Esta mistura de cores
De prazer me bombardeia.

Autora: Luciene Albuquerque

Luciene Torres de Albuquerque, nasceu em Igaci – Alagoas aos 27 de março de 1961. É filha de Sebastião Misael de Araújo e Maria Torres de Araújo e hoje assina suas obras como Luciene Albuquerque.

Graduada em Letras e Pedagogia pela UFAL, fez pós graduação em Psicopedagogia pela Faculdade de Amparo e mestrado em Psicanálise Aplicada à Educação e Saúde, mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Francis Xavier, doutoranda em Ciências da educação. É professora de Língua Portuguesa e Coordenadora pedagógica. Realiza formação para professores na área de linguagens e também oficinas de contação de histórias e Literatura de Cordel.

Em 2008 publicou o cordel UMA GRAÇA POR MUITOS ANOS; em 2010 publicou história que faz parte da coletânea “O AMOR DE GRAÇA E LIANO” , pela Trupe Gogó

da Ema; também participou da Coletânea Nordeste em Verso e Prosa com o poema MEIO SÉCULO E A VIDA CONTINUA e recebeu menção honrosa com o SONETO DE PAZ na coletânea Paz em Prosa e Verso; em 2012 escreveu o artigo científico: A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA na revista Visão e ganhou o concurso literário, FESTIVAL DA PALAVRA com o cordel: O GOGÓ DA EMA, em 2019 participou do Projeto Arte da Palavra, pelo SESC.

Outras publicações: “Minha Vida Meus Amores”, “Alagoas Em Cordel”, republicou o cordel “O Gogó da Ema”, e Igaci em cordel, “O menino que tinha medo de trovão”, “Aboneca de uma perna só”, “A Terra do contrário”. Participou das coletâneas “Manoel Antônio dos Santos, um grande exemplo de vida”, “De filhos para mães”, “Hospital amaldiçoado, pensamentos mortais”, “Lendas brasileiras” “Brasil em cordéis”, faz parte do Dicionário Biobibliográfico dos cordelistas contemporâneos

É membro da AALC – Academia Alagoana de Literatura de Cordel. Ocupa a cadeira Nº 19 e seu patrono é Expedito Sebastião da Silva

O Fim do Mundo e o Ateu Apaixonado

Era o fim dos tempos, diziam,
Tudo estava pra acabar,
O céu ficou todo vermelho,
Parecia até desabar.

A terra tremia de medo,
Os mares já se agitavam,
E o povo, em puro desespero,
Pelas ruas se abraçavam.

Mas no meio desse caos,
Havia um homem só,
Ateu, sem fé nem reza,
Não temia o pó.

Ele não acreditava
Em anjo, profeta ou visão,
Pra ele, o fim do mundo
Era pura invenção.

Mas justo no último dia,
Numa esquina da avenida,
Ele viu uma moça linda,
Que mudou sua vida.

Ela chorava baixinho,
Com medo do que viria,
E ele, sem entender,
Foi lhe dar companhia.

“Não se preocupe, menina,
Esse fim não vai chegar,
Talvez seja só o começo
De algo bom pra sonhar.”

Ela sorriu entre lágrimas,
E o tempo pareceu parar,
Naquele instante perdido,
Algo começou a brotar.

O céu ainda desmoronava,
Mas os dois, sem perceber,
Se olhavam profundamente,
Sem pressa de se entender.

“Se o mundo acabar agora,
Deixa a gente assim ficar,
No meio desse abraço,

Onde nada pode faltar.”

O ateu, tão descrente,
Sentiu o coração disparar,
Talvez o fim do mundo
Fosse só o jeito de amar.

E enquanto tudo caía,
Planetas em colisão,
Ele descobriu que a vida
Não precisa de explicação.

Pois no caos ou na dúvida,
No medo ou na escuridão,
Às vezes o fim do mundo
É só o começo de uma paixão.

Luis Gustavo
Caruaru-PE

CUIDAR DO MEIO AMBIENTE

Meu Deus! Quanta incompreensão.

Atear fogo na floresta, causa indignação.

A natureza que faz tanto por nós merece nossa proteção.

Não faça isso, pois é crime, quem pratica destruição.

Seres vivos, animais, plantas e seres humanos

Estão morrendo sufocados com tanta poluição.

A fumaça, o fogo estão destruindo tudo,

Por causa das queimadas que alguém provocou.

Vamos preservar e cuidar mais dos biomas,

Pois a vida começa quando é bem protegido,

Cada um fazendo sua parte, se forma um grande mutirão,

Pois a união faz a força e salva uma população.

Promova vida, salve vida, cuide do meio ambiente,

Zeze, conserve a floresta e animais, pois somos seres vivos, dependendo do outro.

Nosso planeta terra chama nossa atenção.

Cuidemos da nossa mãe terra, pois só temos este lar para morar. Salve o planeta.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

SE LIGA!

Se liga nas coisas simples, como andar de bicicletas,

Caminhada e liberdade, ler um livro, ouvir música

E contemplar um lindo pôr do sol.

Se liga na vida que passa ligeiramente,

Quando se vê já rompemos o ano novo.
A vida é muito preciosa para vivermos dignamente.

Se liga na família, nas memórias afetivas,
Nas lembranças tristes e alegres
Que acompanham o dia a dia.
Se liga na natureza que nos fala diariamente.
Demonstrando suas dores, causadas pelos humanos.
Aproveitando novas curas para vitalizar a saúde
Se liga na oportunidade da vida

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

SETEMBRO AMARELO

Setembro Amarelo, mês de alerta a saúde mental.

Precisamos estar atentos aos sinais.

Precisa de ajuda, busque.

Não tenha vergonha de falar.

Precisamos desabafar, procure alguém para lhe escutar.

Converse, fale a sua dor para ela sarar.

Pois, a mão de Jesus cura.

Basta deixar se tocar.

Não fique só na dúvida, divida o que incomoda.

Pois, há sempre palavras certas na hora certa para te ajudar.

Não estamos só no mundo, tem muita gente ao seu redor.

Busque atravessar essa ponte escura para abraçar a luz que ilumina teu ser.

Faça amizade com o seu criador transcendente,
Fale que precisa dele para te levantar pois,
As mãos que te modelou conhece o teu ser.

Não permita pensamentos negativos,
Ordene que vá embora,
Use palavras positivas, valorize sua vida.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR

QUEM MERECE PARABÉNS
SÃO OS QUERIDOS PROFESSORES
NESTA DATA TÃO ESPECIAL
GRATIDÃO AOS EDUCADORES
QUE TEM A MISSÃO DE ENSINAR
E COMPARTILHAR SEUS VALORES

VEJA QUE TEMA IMPORTANTE
SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR
COM SOBRECARGA DE TRABALHO
DIGA QUEM NUNCA SE EXTRESSOU
DIANTE DE TANTOS PERRENGUES
SEU EMOCIONAL SE ABALOU

MESMO COM O SALÁRIO BAIXO
TRABALHA MAIS DO QUE DEVIA
O PROFESSOR SOFRE NA PELE
OS IMPACTOS DA PANDEMIA
NESSE PROCESSO DE SE REINVENTAR
TEM DESAFIOS TODOS OS DIAS

SER PROFESSOR NÃO É FÁCIL,
EXIGE MUITA DETERMINAÇÃO,
PRECISA DE ÂNIMO E CORAGEM
E MUITO AMOR NO CORAÇÃO
QUE EM SUA VIDA COTIDIANA
APRENDE A LIDAR COM A EMOÇÃO
O SUCESSO NASCE DO QUERER,
DA PERSISTÊNCIA E DEDICAÇÃO
PARA SUPERAR OS DESAFIOS
COM CORAGEM E DETERMINAÇÃO
COM ESTA ENERGIA POSITIVA.
COM LIDERANÇA E PREOCUPAÇÃO

PARA VENCER OS OBSTÁCULOS,
E SABER AGIR COMO LIDERANÇA
ORIENTANDO A SUA TURMA
E SEGUIR COM PERSEVERANÇA
TRABALHAR COM ALEGRIA
E SEMPRE DEMONSTRAR CONFIANÇA

É ESTA ENERGIA POSITIVA.
QUE OS MOTIVA DIARIAMENTE
NESSA DIVERSIDADE DE IDÉIAS
PROFISSIONAIS COMPETENTES
COPROMETIDOS COM O QUE FAZ
MUITO ATENTOS E INTELIGENTES

PARA TRABALHAR COM COMPETENCIA
COM SEGURANÇA E DETERMINAÇÃO
OBTER UM BOM DEEMPENHO
O SUCESSO É FEITO DA UNIÃO
DA PERSISTÊNCIA E DA CORAGEM
DE UM BELO TIME EM AÇÃO.

POR TODO O EMPENHO DE VOCÊS
A MAIS SINCERA GRATIDÃO
POR TUDO QUE VOCÊS FAZEM
COM CORAGEM E DETERMINAÇÃO
UNIDAS PELA MESMA CAUSA
COM ORGULHO E SATISFAÇÃO.

QUEM FAZ PARTE DESSA EQUIPE
E PARTICIPA DESTA TRAJETÓRIA
SÃO OS ATACANTES DESTE TIME
PROTAGONISTAS DESTA HISTÓRIA
QUE DRIBLAM SEMPRE OS DESAFIOS

PARA MARCAR O GOL DA VITÓRIA

A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO
SEMPRE FAZ GERAR A EMPATIA
COMPARTILHE SUAS IDEIAS
E TRABALHE EM PARCERIA
É A VONTADE DE SER MELHOR
QUE O FAZ CRESCER A CADA DIA

É DIFÍCIL EVITAR O EXTRESSE
SE A SITUAÇÃO ESTÁ RUIM
É IMPORTANTE MANTER A CALMA
POIS NÃO FICARÁ SEMPRE ASSIM
EQUILIBRAR AS EMOÇÕES.
E DIZER EU VOU CUIDAR DE MIM

FAÇA ESCOLHAS INTELIGENTES
DEFINA SUAS PRIORIDADES
BOAS PRÁTICAS PARA AUXILIAR
FRENTE ÀS ADVERSIDADES.
CADA INDIVÍDUO É ÚNICO
E TEM SUAS NECESSIDADES

REFLITA SOBRE ALTERNATIVAS
PARA A SAÚDE FÍSICA E MENTAL
OBTENHA SEU EQUILÍBRIO
ENTRE TRABALHO E VIDA PESSOAL
CUIDE DE SUA SAÚDE FÍSICA
E DE SUA MENTE ESPIRITUAL

SE A SITUAÇÃO NÃO VAI BEM
E AFETA O SEU EMOCIONAL
SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR
É SEMPRE ALGO PRIMORDIAL

SEMPRE DIVIDA AS ANGÚSTIAS
PARA OBTER APOIO EMOCIONAL

DIANTE DE TANTAS DEMANDAS
PRECISA AGIR COM SABEDORIA
MESMO COM AS ADVERSIDADES
TEM MOMENTOS DE ALEGRIAS
DEPENDEM DE AÇÕES POSITIVAS
QUE SURGEM NO DIA A DIA

FIQUEM ATENTOS AOS SINTOMAS
APRENDA LIDAR COM A ANSIEDADE
SAIBA GERENCIAR O SEU TEMPO
FOQUE EM SUAS HABILIDADES
E PRATIQUE ATIVIDADES FÍSICAS
E FAÇA DO SONO PRIORIDADE

PARA DIMINUIR O ESTRESSE
NO SEU AMBIENTE ESCOLAR
A SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR
É ESSENCIAL PRESERVAR
SAÚDE MENTAL EQUILIBRADA,
BOAS PRÁTICAS PARA AUXILIAR

SÓ UM SER HUMANO FORTE
TEM ESSA ILUSTRE CAPACIDADE.
POIS QUEM APRENDE A NAVEGAR
NÃO TEM MEDO DE TEMPESTADES,
QUE DEUS ABENÇOE ESSA EQUIPE
COM MUITA SAÚDE E FELICIDADE

MARINEIDE VIANA

A Vida de um Poeta

Não é fácil, não
A vida de um poeta,
Que se encantou
Com uma arte quase extinta.

Acreditou que a poesia
Era pura inspiração,
E que todos valorizavam
Essa sublime expressão.

Vive entre as horas e as páginas,
Escreve sem parar,
Mas precisa vender barato
O que o mundo quer ignorar.

Entre a Netflix e o esquecimento,
Alguns poucos ainda lhe são fiéis,
E é por eles que o poeta
Encontra seu pequeno céu.

A vida de um poeta é uma busca
Por emoção e verdade,
Do questionamento profundo
À mais pura intensidade.

Ah, poeta, tão ingênuo,
Sua paixão te pode consumir,
Pois mesmo os novos leitores

Podem se desinteressar, partir.

Não haverá muitos para ler
Os versos de seu coração inflamado,
Mas ele persiste em seu ofício,
Deixando um legado consagrado.

Na página de cada livro,
Seu reinado está escrito,
Pois ele não pode parar,
Não pode ser omitido.

Descontrolado, é verdade,
Sua arte o domina sem cessar,
Sonhar é o início,
Mas não consegue parar.

Escrever é sua essência,
Mesmo com dedos calejados,
E olhos cansados,
A paixão não é apagada.

Até nos sonhos, a caneta
Dança com papel e luz,
Ele se vê escravo da sua arte,
Fiel ao que a inspiração produz.

Não há controle, não há fim,
Escreve do início ao fim,
E quando pensa em parar,

A inspiração volta a surgir.

Vive um dia de cada vez,
A ansiedade não pode reinar,
Pois escrever é para a eternidade,
Até o último verso se findar.

May Carvalho

VÓRTICE

Na Montanha

Em sua elevação e sua esfera

O vento se agarra ao chão

E o choque levanta a terra

No Olho do Furacão

Um Oásis! “a paz” espera

É vento, é terra, é chão.

Prelúdio de uma quimera

No Céu

Numa variação da atmosfera

Outono se faz verão

É inverno na primavera

É Vento! É Terra! É Chão!

Prelúdio de uma quimera

Mileide Francisco nasceu em Santo André, no dia 06 de setembro de 1974, é Graduada em Recursos Humanos, com MBA em Gestão de Pessoas, Desenvolvimento Humano, Psicologia Organizacional e Psicanálise. Possui participações em cerca de 8 volumes de Antologias, destacando: Nós 2, pela Editora Selo Off Flip, Sarau Brasil pela Editora Vivara e Metropolitanos, Editora EHS. Mileide é Cinéfila, viciada em Senhor dos Anéis, GOT e Stranger Things. Atualmente a Poeta está em processo de publicação de dois livros.

A cena mais linda que vi

Hoje eu vi tão linda cena
Que me chamou a atenção
No mercado, uma criança
Pra comprar presunto e pão,
Mas fez um gesto tão lindo,
Comoveu meu coração!

Assim que ela entrou pediu
O que foi lá pra comprar
Pegou as coisas e foi
Ao balcão para pagar
Algo chamou a atenção
Um lindo gato a lhe olhar

O troco que recebeu
Foi um real e cinquenta
Ia comprar de docinhos
Mas, logo fitou atenta
Olhando para o gatinho
De maneira que acalenta

Com esse troco comprou
Ração pra aquele gatinho
Então delicadamente
Recheada de carinho,
Abriu a sacola e disse:
Coma aqui, meu queridinho.

O gatinho radiante
Começou logo a comer
A cena foi a mais linda
Que no dia pude ver
Esse gesto foi capaz

De muito me comover.

As crianças nos ensinam

A inocência e a pureza

Tratar todo mundo bem

Com bondade e gentileza

E nos ensina que o amor

É nossa maior riqueza.

Quitéria Ferreira da Silva (Quitéria Abreu) nasceu aos 03 de janeiro de 1992 em Santana do Ipanema – AL. É membro da AALC – Academia Alagoana de Literatura de Cordel, ocupando a cadeira de número 16, tendo como patrono Francisco das Chagas Batista. É autora dos cordéis: ABC da Virgem Maria; Aurora e Conrado no Reino Três Cachoeiras, em parceria com o cordelista José Reginaldo Medeiros; Sant’Ana – Rainha do Sertão: Uma História de Fé e Devoção, Bezas do Meu Sertão e o Filho Pródigo (em parceria com José Reginaldo Medeiros)

SONHOS DE PRIMAVERA

Ypês sorriem na alvorada
Nuvens passageiras bailam
Bem-te-vis anunciam boas novas
Sonho com jardins suspensos
Me vejo na Babilônia.
Pétalas amarelas colorem o chão
Terra vermelha resplandece
Verdes são os caminhos
Por onde caminham as quimeras.
Saudades vislumbram meus desejos
Refletidos no lago das minhas memórias
Arco-íris riscam os céus
E os beijos flutuam no infinito.
Ah doce Primavera!
Vão embora os recolhimentos
Florescem mágicas utopias!

Rita Queiroz

A política é estrada de chão batido,
Onde caminham os sonhos e o desatino.
É o encontro do justo e do bandido,
Onde o povo busca seu destino.

É feita de promessas, de vozes e clamor,
Do debate acalorado que fere e cura.
Pode ser esperança, pode ser dor,
Mas sempre carrega em si a mistura.

É nas mãos dos que lutam por um ideal,
Que o futuro, aos poucos, se desenha.
Entre a verdade e o jogo eleitoral,
A justiça ou a mentira que se empenha.

Política é a voz do povo em movimento,
O palco onde o poder é disputado.
Seja no grito ou no silêncio do momento,
Cada escolha, um caminho traçado.

Na política, não há céu sem tempestade,
Nem vitória que não demande suor.
Mas é na coragem e na honestidade,
Que se constrói um amanhã melhor.

Robério Trajano

O BERO

o Bero e a bola rola sem cessar,
Cada passe é um sonho a desenhar.
Dribles, chutes... a torcida a vibrar,
Futebol é emoção que nos faz vibrarmos.
Bero e os gols sempre a nos amarmos.

Robério Trajano

colho dores no crepúsculo
saio de mim para ser estrela
como pães sem fermento
para matar uma barata
eu não corro de mim
viajo para Marte
talvez um dia os cupins
não gostem mais do meu telhado

rosângela Trajano

Nos meus sonhos

E quem sempre encontro em meus sonhos?

Só você está sempre lá.

Quero sussurrar que gosto de ti.

Mas na rapidez de um sonho lá já não mais estás.

Acordo e nada é real...

Percebo que me encontro presa em meus delírios...

Já não sei o que faço com meu coração.

Quem sabe se eu a dormir voltar

De novo vou te encontrar?

Rosangela Calza

Metamorfose

Rosangela Mariano

São Leopoldo RS

Blog: <http://lunaraescritora.blogspot.com>

“Ao vento mistérios não decifrados”

Sentimentos esquecidos,

Sofridos,

No véu de uma lágrima.

Espalhada por entre as folhas

Secas,

Noto que a beleza foi aprisionada,

Abandonada num recanto silencioso

E, hoje, jaz emoldurada

Nas sombras do passado...

Só o vento restou!

Da saudade de uma brisa

Ao perfume da flor

Nada sobrou!

Só vislumbro no céu azul

Contornos indefinidos,

Lembranças amargas

De uma paixão doída e... maldita!

E, ao pôr do sol,
Sentada em um muro qualquer,
Revejo meus planos.
Como pano de fundo... os sonhos.
Então, dou pontapé nos desenganos,
Estendo minha alma
“Para além das infinitudes”.

O vento, que no momento me embala,
Já não é o mesmo – foi algum dia?
Há nele uma suavidade aparente
Até meio quente...
Descubro que não é só o vento
Que está diferente
- Eu mesma mudei!

O MATUTO NORDESTINO É FELIZ COM O QUE TEM

Meu Deus de imensa bondade
Toma posse do meu Ser
Pra que eu possa, com carinho,
Neste cordel descrever
O viver do nordestino,
Que ele acha: foi destino
E que fez por merecer.

Gente simples que acredita
Que tudo que lhe acontece,
Seja de mal ou de bem,
Deve ser porque merece.
A ti louvo e de ti falo.
Do que não sei, eu me calo!
E assim o cordel se tece.

É manhãzinha, o Sol vem
Surgindo devagarinho,
Com raios rubros de amor.
As nuvens rosa seu ninho.
O agricultor se levanta
E o sono do olhar espanta
Ao tomar seu cafezinho.
Cantarolando e pitando

O seu cigarro de palha,
Batendo para amolar
A sua enxada, ele malha.
Com alegria limando,
Os cantinhos acertando.

Coisa alguma o atrapalha.
Um cafezinho no dedo,
Um punhado de farinha,
Já está pronto pra seguir
Com o Sol que se avizinha.
Um cabaço a tiracolo,
Pisa forte, marca o solo.
Só voltará à tardinha.

A passarada cantando
Alegra o seu caminhar,
Trazendo-lhe a esperança
De que a chuva vai chegar.
E um trovão que anuncia
O bom inverno alegria
Faz ao seu rosto brotar.

Rosto de rugas precoces
Cujo sol quente marcou.
Corpo cansado da luta
Na terra que Deus doou,

Na qual trabalha com gosto
Vertendo o suor do rosto
Como sempre trabalhou.

Papeando com os amigos
De luta pelo sustento,
No caminho para a roça,
Falam da chuva a contento:
- Uvisse cumpade João
O ribombá do truvão?
Vai chuvê quaiqué momento!

Com a terra trabalhada,
Sendo feita a plantação
Pelas mulheres, que o fazem
Com amor no coração:
As sementes vão plantando
A cantar, sempre louvando
Ao Bom Deus da criação.

Se o inverno for proveitoso
O São João terá fartura
Com milho assado, canjica,
Pamonha, e até ticura
Feita embaixo da farinha
Com coco e goma fresquinha,

Que é mesmo uma gostosura!

O feijão e a mandioca,
Sendo boa a produção,
Traz alegria pra todos.
E a produção do algodão,
Se a praga não atrapalhar,
Dará até pra comprar
Roupa nova pro João.

Se a internada for boa
O gado vai engordar
Pois o capim, que secara,
Voltará a rebentar.
E da safra nenhum tico
Sobrará, porque o rico
Fazendeiro vai comprar.

E aí, o São João
Será somente alegria:
Dará pra comprar a roupa
De chita para Maria;
Fustão pra Sebastiana;
Tafetá para Joana
E brim pra Tonho de Bia.

Para as Festas do Natal,
Que é lá no final do ano
E no começo do outro,
Já fica guardado o pano.
Com a venda da farinha,
Já vai dá pra Zé de Quinha
Ter sua loção Bozzano.

Assim vive o nordestino
Feliz com o que ele “merece”!
Não reclama do destino.
De muito ele não carece.
Para o mesmo basta ter
O de vestir e comer.
E ao Bom Deus agradece.

A ele, eu parabenizo!
Pois, melhor do que ninguém,
O agricultor do Nordeste
Representa muito bem
Sua terra. E digo, em hino:
**O MATUTO NORDESTINO
É FELIZ COM O QUE TEM.**

Rosa Regis

Natal/RN

Entrelinhas do Amor

Amor,
Como posso traduzir-te em metáforas?
És a alquimia que transforma
O ordinário em sublime,
És o labirinto onde encontro
Minha verdade oculta,
És a melodia emocionante
Que orchestra meus dias.

Entre o aroma das pétalas,
Beijos e silêncios,
No roçar sutil de olhares coniventes,
Nos segredos sussurrados sem palavras,
Nossos sentimentos extrapolam o primor.

Encontro-te no vinho que embriaga a razão,
No fogo que arde sem nomear-se chama,
Na inquietude
Que se aninha em minha essência,
No avesso da minha solidão.

Em teus braços, flutuo,
Me perco e me encontro,
Sem cansaço, um regaço,
Total descontrolo,
Sou universo e partícula, efêmera e eterna,
Sou um flamingo, com asas cor de rosa.
Amo-te, e não há mapas,
Pois o amor é praia aberta, não avenidas,

E a cada toque, com ternura e precisão,
Esculpe uma nova geografia.

Navego em teus mares
Sem temor do naufrágio,
Pois em teus lábios só há renascimento,
Um êxtase que transcende o corpo e o espírito,
Uma eternidade condensada em felicidade.

Amo-te, é o grito do meu ser,
Amar-te é mais que um verbo,
É alquimia que me transforma,
É sinfonia, cascata que enche o rio.

Que nossos momentos
Sejam um eterno descobrir,
Um enigma desvelado a cada toque,
A cada olhar,
Escrito na lua, com mãos nuas e bravura,
Com emoção, feito compor uma canção.

Na sua ausência, me transformo num deserto,
Perco meu rumo,
A poeira me atormenta,
E minha alma grava a palavra saudade,
Uma arte eterna que me prende a ti.

Silvâni Silva

Instagram: @silvanisilva.a

Site: <https://www.silvanisilva.com/>

Querida Rosa Vermelha

Nasce a rosa vermelha,
Cheia de elegância,
Com sua ardência
De paixão,
Que faz florir
O amor no meu coração apaixonado.

Bela rosa vermelha,
Com sua delicadeza,
Toca meu coração
Com o mais puro amor de todos.

Com seu perfume,
A rosa vermelha
Esbanja intensa sedução
Em mim,
Que nunca soube o que era amor;
Que só de ter a rosa vermelha sinto o amor.

Rosa vermelha faz florir
Em mim tantos sentimentos
Cheios de amor.
Ah, rosa vermelha,
Como nasceu
Em mim com tanto amor.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos recursos gratuitos do Canva (2024).

Biografia:

Thais Faustino Bezerra - Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).

<https://www.instagram.com/escritadagirassol/>

Gratidão, Deus!!!!



BIOGRAFIA DO ILUSTRADOR

Flávio Rezende é escritor, jornalista, ativista social, cultural e ambiental, desenvolvendo atualmente intenso trabalho de narração visual, com captação diária de imagens em vários países, sendo conhecido pela diversidade no conjunto de sua obra.

Instagram @flavioldrezende

Expediente

Revista Barbante
Vol. XII - Nº 68 - 30 de setembro de 2024
ISSN 2238-1414
Periodicidade: quinzenal

12 anos da revista Barbante

Editores

Rosângela Trajano da Silva

Samuel de Souza Mattos

Monalisa Carrilho de Macêdo

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Beth Iacomini

Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

FLÁVIO
REZENDE
NEW YORK PHOTO TOUR 2024

DEM SER FELIZ NA BARBANTE
TAMBÉM!!!

